

Igor Adriano Sufi Soares da Silva

**Reestruturação da cidade, atividades
econômicas e áreas centrais nas cidades
médias: os casos de Maringá/PR e
Dourados/MS**



**Presidente Prudente
2023**

IGOR ADRIANO SUFI SOARES DA SILVA

Reestruturação da cidade, atividades econômicas e áreas centrais nas cidades
médias: os casos de Maringá/PR e Dourados/MS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Faculdade, Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Presidente Prudente, como requisito obrigatório para a obtenção de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

PRESIDENTE PRUDENTE

2023

S586r

Silva, Igor Adriano Sufi Soares da

Reestruturação da cidade, atividades econômicas e áreas centrais nas cidades médias : os casos de Maringá/PR e Dourados/MS / Igor Adriano Sufi Soares da Silva. -- Presidente Prudente, 2023

94 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: Eliseu Savério Sposito

1. Cidades médias. 2. Áreas centrais. 3. Atividades econômicas. 4. Reestruturação da cidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DECLARAÇÃO

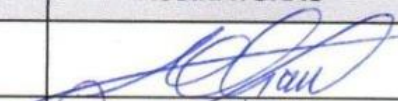

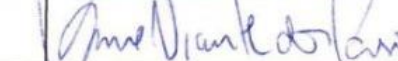
Eu, Prof. Dr. **Eliseu Savério Sposito**, declaro que o aluno **IGOR ADRIANO SUFI SOARES DA SILVA**, , cumpriu, sob minha orientação, 180 horas de Estágio Supervisionado e Trabalho de Graduação do Curso de Bacharelado em Geografia, desta Faculdade.

Título de Monografia: **"REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE, ATIVIDADES ECONÔMICAS E ÁREAS CENTRAIS NAS CIDADES MÉDIAS: OS CASOS DE MARINGÁ/PR E DOURADOS/MS"**.

A Monografia foi apresentada, em defesa pública, no dia **25 de janeiro de 2023**, às 09h00min, na sala de reuniões do GASPERR:

Após as arguições e defesa do(a) candidato(a), foi atribuído a nota 10,0
(dez inteiros).

Presidente Prudente, 25 de janeiro de 2023.

BANCA AVALIADORA	ASSINATURAS
Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito (Orientador)	
Késia Anastácio Alves da Silva	
Bruno Vicente dos Passos	

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP (iniciação científica do processo nº 19/09523-2).

Agradeço ao meu professor orientador, Eliseu Savério Sposito, por todo o apoio e por todos os ensinamentos que vou guardar não somente para a sequência na carreira acadêmica, mas para a minha humilde trajetória nesse mundo. Professor, você é exemplo, e é uma honra ter participado de alguma forma da sua linda história na Geografia e na vida.

Agradeço a todos os companheiros e companheiras do GASPERR: graduandos, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e professores que contribuíram ao escutar um pouco melhor sobre minha pesquisa, ao indicar textos, ao debater conceitos e temas muito importantes, ou ao simplesmente me escutar quando eu precisava desabafar. Agradeço especialmente à Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito, ao Prof. Arthur Magon Whitacker, ao Prof. Nécio Turra Neto. Também às pós-doutorandas Vanessa, Késia, Paula e Natália. Aos colegas de laboratório e “aquário”: Bruno, Felipe, Flaviane, Priscila, Mariana, Victor, Bárbara, Bruna, Renata, Ana Carolina, Laércio, Eduardo Nardez, Rebeca e Nathaly.

Agradeço aos professores que passaram por minha vida e que são o motivo de eu ter escolhido a licenciatura e a Geografia: Prof.^a Marisa Rodrigues, Prof.^a Sara Bomfim, Prof.^a Mara Altero, na E. E. João Vieira de Mello de Queiroz/SP; Prof. Handerson Lopes, Prof. Aloísio Cássio, Prof.^a Daniele Scaliante, Prof.^a Ângela Pilquevitch, Prof.^a Carola Braz, Prof. Edi Iacida, Prof.^a Eliana Golfeto, Prof. Geraldo Leme, Prof. Ivo Polônio, Prof.^a Luciana Octaviano, Prof. Silvio Ronaldo, Prof.^a Vanilda Druzian, na ETEC Prof. Massuyuki Kawano de Tupã/SP; Prof.^a Paula Vermeersch, Prof.^a Vanessa Iceri, Prof.^a Eda Góes, Prof. Everaldo Melazzo, Prof. Luciano Furini, Prof.^a Margarete Amorim, Prof.^a Terezinha Gomes, alguns dos professores da UNESP de Presidente Prudente. Tenho muito orgulho de ter passado por estes lugares incríveis, de ter tido contato com pessoas tão singulares e que deixaram marcas inesquecíveis.

Agradeço aos meus amigos mais próximos e que deram suporte emocional em todo o período da graduação e que me fizeram continuar em frente: Greyce, Maria Carolina, Maria Flora, Danrley, Cleiton, Kauane, Milena, Bruna, que se fizeram presentes mesmo de longe; Maria Júlia, Letícia, Eduardo, Isabela, que estavam

sempre do meu lado e nunca me deixaram desistir; Lucas, Rennan, João Victor, Stephanie, Marcela, Andrey, Laura, José, Pâmela, Isabela Scalon, Celina, Laís, amigos da turma LXI.

Agradeço a oportunidade que a UNESP me deu de voltar a jogar voleibol, de conhecer pessoas incríveis que me ajudaram de tantas formas que nem consigo descrever. Em meio a um ano que me perdi tanto, reencontrei-me comigo mesmo fazendo uma das coisas que mais amo no mundo.

Mônica, agradeço por cada semana me ajudar a trabalhar questões tão importantes para mim. Você é uma profissional incrível, muito obrigado.

Alessandro, muito obrigado por ser presente neste ano, desde os momentos em que eu perdi todas as perspectivas, até todas as vezes que eu fui feliz e voltei a ter esperança com a sua ajuda.

Agradeço aos meus pais e a minha família, que mesmo nem sempre entendendo bem o que é a universidade e as atividades de pesquisa, estavam me ajudando e apoiando com tudo. Obrigado, amo vocês.

É bom ver-se a cidade nos dias de descanso, com as suas lojas fechadas, as suas estreitas ruas desertas, onde os passos ressoam como em claustros silenciosos. A cidade é como um esqueleto, faltam-lhe as carnes, que são a agitação, o movimento de carros, de carroças e gente.

Triste Fim de Policarpo Quaresma, livro de Lima Barreto.

RESUMO

A contínua complexificação econômica e as reestruturações produtivas influenciam diretamente em uma reestruturação urbana quanto aos papéis que as cidades desempenham na rede urbana, mas também em uma reestruturação da própria cidade, especialmente quanto às áreas centrais — nas quais se concentram diversas e numerosas estabelecimentos e atividades econômicas — que exercem particulares centralidades no tecido urbano e são transformadas pela chegada de novos empreendimentos econômicos alinhados ao regime de acumulação flexível. Tais processos não deixam de ocorrer nas cidades médias de Maringá (localizada no norte do estado do Paraná) e de Dourados (localizada no sul do estado do Mato Grosso do Sul), estas que foram escolhidas como recortes de pesquisa. Neste contexto, os principais objetivos deste trabalho são: analisar as lógicas espaciais dos agentes econômicos na escala da cidade, para verificar se suas estratégias recaem sobre as áreas centrais “tradicionais” (centro principal e subcentros) ou reforçam a tendência contemporânea de implantação de novos espaços nas cidades médias em questão. Para tanto, foram aplicadas metodologias que consideram tanto o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos, quanto o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, que permitiram mapear a concentração dos estabelecimentos presentes em cada uma das cidades estudadas e das atividades econômicas associadas a eles. Ademais, foram feitos trabalhos de campo e entrevistas com associações comerciais e empresariais locais. Em síntese, foi perceptível nos dois recortes o processo de reestruturação da cidade e de mudanças na conformação das áreas centrais, logicamente que de maneiras diversas, assim como em diferentes níveis de complexidade. Em Maringá/PR, perceberam-se áreas centrais muito bem definidas, mas com novas centralidades e novas funções aparecendo, mesmo que ainda não seja possível dizer que estabeleçam qualquer competitividade com o centro tradicional. Já Em Dourados/MS, é evidente a existência de um núcleo central mais bem definido e até mesmo “tradicional”. Conclui-se ponderando sobre a potencialidade das metodologias utilizadas em dialogar com outras produções sobre os mesmos temas, assim como a possibilidade de estudos similares no futuro.

Palavras-chave: Cidades médias; Áreas centrais; Atividades econômicas; Reestruturação da cidade.

ABSTRACT

The continuous economic complexification and productive restructuring directly influence an urban restructuring in terms of the roles that cities play in the urban network, but also in a restructuring of the city itself, especially in terms of central areas — in which diverse and numerous establishments and economic activities are concentrated. — which exercise particular centrality in the urban fabric and are transformed by the arrival of new economic ventures aligned with the flexible accumulation regime. Such processes do not cease to occur in the medium cities of Maringá (located in the north of the state of Paraná) and Dourados (located in the south of the state of Mato Grosso do Sul), which were chosen as part of the research. In this context, the main objectives of this work are: to analyze the spatial logics of economic agents at the city scale, to verify whether their strategies fall on the “traditional” central areas (main center and subcenters) or reinforce the contemporary trend of implantation of new spaces in these medium cities. To this end, methodologies were applied that consider both the Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (National Register of Addresses for Statistical Purposes) and the Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (National Register of Legal Entities), which allowed mapping the concentration of establishments present in each of the cities studied and the economic activities associated with them. In addition, fieldwork and interviews with local trade and business associations were carried out. In summary, the process of restructuring the city and changes in the conformation of the central areas were perceptible in both cutouts, logically in different ways, as well as in different levels of complexity. In Maringá, central areas are very well defined, but with new centralities and new functions appearing, even if it is still not possible to say that they establish any competitiveness with the traditional center. In Dourados, the existence of a better defined and even “traditional” central core is evident. This academic paper concludes by pondering the potential of the methodologies used in dialoguing with other productions on the same themes, as well as the possibility of similar studies in the future.

Keywords: Medium cities; Central areas; Economic activities; Restructuring of the city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conjunto de mapas com a malha urbana e a localização da cidade de Maringá/PR	32
Figura 2: Conjunto de mapas com a malha urbana e a localização da cidade de Dourados/MS	36
Figura 3: Mapa da concentração das atividades econômicas em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE.....	42
Figura 4: Principais vias em Maringá/PR citadas no texto	43
Figura 5: Mapa da concentração de CNPJ ativos e em baixa durante os anos de 1990, 2000, 2010 e 2021 na cidade média de Maringá/PR	49
Figura 6: Mapa da concentração do comércio varejista em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE.....	50
Figura 7: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Maringá/PR: presença de grandes redes.....	53
Figura 8: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Maringá/PR	53
Figura 9: Grade de fotografias que representam o comércio varejista na Avenida Mandacaru	54
Figura 10: Grade de fotografias que representam o comércio varejista na Avenida Cerro Azul	55
Figura 11: Mapa da concentração do comércio e da manutenção de veículos em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE	56
Figura 12: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Colombo	57
Figura 13: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Morangueira	57
Figura 14: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Pedro Taques.....	58
Figura 15: Mapa da concentração das atividades voltadas à saúde humana em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE	59
Figura 16: Grade de fotografias que representam a concentração de atividades voltadas à saúde humana em Maringá/PR.....	59

Figura 17: Mapa da concentração das atividades econômicas em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE.....	60
Figura 18: Principais vias em Dourados/MS citadas no texto	62
Figura 19: Mapa da concentração de CNPJ ativos e em baixa durante os anos de 1990, 2000, 2010 e 2021 na cidade média de Dourados/MS	64
Figura 20: Mapa da concentração do comércio varejista em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE.....	65
Figura 21: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Dourados/MS: grandes redes e comércio do centro	66
Figura 22: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Dourados/MS	66
Figura 23: Mapa da concentração do comércio e da manutenção de veículos em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE.....	68
Figura 24: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na R. Hayel Bon Faker e nas proximidades do Avenida Shopping Center ..	68
Figura 25: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Marcelino Pires.....	69
Figura 26: Mapa da concentração das atividades voltadas à saúde humana em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE.....	70
Figura 27: Grade de fotografias que representam a concentração de atividades voltadas à saúde humana em Dourados/MS.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias presentes nos dados fornecidos pelo CNEFE/IBGE	23
Quadro 2: Seções, divisões e grupos da CNAE 2.3/CONCLA	25
Quadro 3: Estabelecimentos que exercem atividades econômicas em vias que se destacam pela centralidade em Maringá/PR.....	45
Quadro 4: Estabelecimentos com atividades econômicas em vias que se destacam por ser uma extensão da centralidade tradicional em Maringá/PR	47
Quadro 5: Vias que se destacam pelo número de estabelecimentos em Dourados/MS	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ARCABOUÇO TEÓRICO	15
2.1 A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE, AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E A CENTRALIDADE	16
2.2 AS FORMAS DA CIDADE, SUAS FUNÇÕES E A TEMPORALIDADE.....	20
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 CNEFE-CNAE	22
3.1.1 História, características e possibilidades.....	23
3.1.2 Os desafios metodológicos e as maneiras de enfrentamento	27
3.1.3 O trabalho de mapeamento.....	28
3.2 BANCO DE CNPJ.....	29
3.3 TRABALHOS DE CAMPO E ENTREVISTAS COM ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS.....	30
4 AS PARTICULARIDADES DE CADA CIDADE ESTUDADA.....	31
4.1 MARINGÁ/PR.....	31
4.2 DOURADOS/MS.....	35
5 INTERPRETAÇÕES SOBRE AS ÁREAS CENTRAIS NAS CIDADES MÉDIAS A PARTIR DA CONCENTRAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS.....	41
5.1 AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E AS ÁREAS CENTRAIS EM MARINGÁ/PR	41
5.1.1 O comércio varejista em Maringá/PR	49
5.1.2 O comércio e a reparação de veículos automotores e motocicletas em Maringá/PR.....	55
5.1.3 As atividades de atenção à saúde humana em Maringá/PR.....	58
5.2 AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E AS ÁREAS CENTRAIS EM DOURADOS/MS.....	60
5.2.1 O comércio varejista em Dourados/MS	64
5.2.2 O comércio e a reparação de veículos automotores e motocicletas em Dourados/MS	67
5.2.3 As atividades de atenção à saúde humana em Dourados/MS.....	69
5.3 ESBOÇO DE UMA ANÁLISE COMPARATIVA	71
6 BREVES CONCLUSÕES.....	73
REFERÊNCIAS.....	75
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	78
APÊNDICE	80
ANEXOS	87

1 INTRODUÇÃO

Muito já foi levantado pela Geografia Urbana sobre como o sistema capitalista influenciou e continua sendo atuante no crescimento, tanto em número quanto em tamanho, das cidades. Porém, também todas as novas tendências e contradições do capitalismo influem em reestruturações tanto na escala da rede urbana quanto na escala intraurbana, em questões tanto de forma quanto de função, de acesso e/ou de segregação. Isso porque as dinâmicas produtivas afetam diretamente na distribuição das atividades econômicas, na divisão, na forma e nas características do trabalho, e mesmo nas próprias relações humanas dentro das cidades, o que interfere social e economicamente na criação e manutenção dos espaços urbanos.

Tais tendências passam a se manifestar mais do que nunca nas cidades médias, que nas últimas décadas passam a ampliar seus papéis na rede urbana e passam a ser alvos dos investimentos de empresas, principalmente no que diz respeito ao setor terciário. Já dentro da própria cidade, essas mudanças ocorrem também quanto à dinâmica das centralidades que exercem os espaços urbanos, principalmente com a chegada de alguns empreendimentos econômicos como os *shopping centers*, os hipermercados, as franquias, as grandes indústrias, os serviços prestados através de aplicativos etc.

Foram escolhidas como recorte analítico as cidades médias de Maringá/PR e Dourados/MS, cada uma com suas características peculiares em relação a outra, principalmente por estarem em diferentes regiões do país (Sul e Centro-Oeste) e possuírem contextos distintos tanto em suas formações socioespaciais, assim como em sua participação na divisão social e territorial do trabalho. Apresentam, porém, um ponto de correlação ao se observar seus papéis de comando em relação às cidades pequenas de suas respectivas regiões imediatas e intermediárias.

O principal objetivo deste trabalho consiste, portanto, em investigar como se comportam, principalmente, algumas das formas (mas também suas respectivas funções espaciais) nestas cidades ao longo do tempo. Para tanto, optou-se por englobar os agentes econômicos presentes, além das lógicas espaciais que permeiam suas localizações e que produzem o espaço urbano. Desta forma, busca-se verificar se tais agentes econômicos continuam a se instalar majoritariamente sobre as áreas centrais “tradicionais” (centro principal e subcentros) ou se começam a implantar novos espaços de centralidade.

Ainda, objetivos secundários derivam-se de tais ideias: construir um banco de dados contendo os endereços das atividades econômicas presentes nas cidades estudadas utilizando a metodologia CNAE-CNEFE, e posteriormente mapeá-lo; analisar um banco de dados de CNPJ contendo dados das empresas de cada uma das cidades estudadas; comparar os resultados obtidos pela metodologia aplicada com a bibliografia já existente sobre as áreas centrais, os centros e as centralidades no recorte escolhido para o trabalho; discutir e apresentar as principais atividades econômicas presentes nas áreas centrais identificadas pela pesquisa desenvolvida, além de analisar a influência de grandes empreendimentos econômicos nas expressões de centralidade do urbano nas cidades estudadas.

Visando ampliar as discussões propostas neste trabalho, não serão apenas analisadas as atividades econômicas como um todo em Maringá/PR e em Dourados/MS, mas também os seguintes recortes específicos, considerando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): o comércio varejista; o comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas; as atividades de atenção à saúde humana (hospitais e consultórios). Tais configurações foram selecionadas principalmente pela relevância que apresentam na constituição de áreas e eixos centrais muito interessantes no que diz respeito às duas cidades estudadas.

Para tanto, foi utilizada como metodologia a combinação de uma base que considera dados de endereço, o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), em que é possível identificar estabelecimentos em que são desenvolvidas atividades econômicas, além de propiciar que sejam georreferenciados e que sigam um padrão de classificação, a CNAE, que permite caracterizar qual atividade é desenvolvida em cada espaço e, desta forma, aprofundar as discussões, considerando o ano de 2010.

Com o objetivo de ampliar o arcabouço das análises, também serão pautados dados produzidos pelo Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) — no âmbito do projeto temático “Fragmentação socioespacial e urbanização contemporânea: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos”, processo FAPESP nº 2018/07701-8¹ —, referentes aos Cadastros Nacionais da

¹ Da mesma forma, o presente trabalho de conclusão de curso provém de uma iniciação científica subsidiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), intitulada: “Padrões de localização das atividades econômicas nas cidades médias brasileiras: Mossoró, Marabá, Dourados e Maringá”, processo nº 19/09523-2, vinculada a este mesmo projeto temático.

Pessoa Jurídica (CNPJ), tanto abertos como em situação de baixa, entre os anos de 1990 e 2021, assim como suas respectivas classificações de acordo com a CNAE. A partir disso, foi possível elaborar mapas que evidenciam as transformações na concentração das atividades econômicas considerando os recortes de 1990, 2000, 2010 e 2021.

Ambas as metodologias — CNEFE-CNAE, que considera a interpretação de recenseadores sobre as construções nas cidades, e CNPJ, que leva em conta os novos registros de empresas e seu fechamento — somam-se a outros esforços, como trabalhos de campo realizados nas áreas centrais e principais vias de Maringá/PR e Dourados/MS, mas também entrevistas com associações comerciais e empresariais locais, para que, desta forma, pondere-se com certo aprofundamento sobre como se manifestam e como se reestruturaram as centralidades nestas cidades médias.

Por fim, destaca-se que este trabalho de conclusão de curso será dividido nas seguintes partes: 1) argumentação teórica, que abarca temas como a reestruturação da cidade, a centralidade, as formas urbanas, as atividades econômicas e as lógicas espaciais, assim como discussões específicas sobre a formação socioespacial e particularidades de cada cidade média escolhida para o desenvolvimento da pesquisa; 2) exposição sobre os procedimentos metodológicos utilizados e as respectivas contribuições com as análises desenvolvidas; 3) apresentação e discussão dos resultados obtidos, tendo em mente uma análise de como se dão as reestruturações em cada uma destas cidades médias no período selecionado; 4) breves considerações finais sobre o que foi desenvolvido neste trabalho, assim como um balanço de suas contribuições.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO

Este capítulo busca apresentar as principais bases teóricas que orientaram o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, assim como discutir as temáticas que permeiam este trabalho de conclusão de curso. Para tanto, foi seccionado em duas partes. A primeira tem como foco o debate em relação aos processos de reestruturação produtiva, urbana e da cidade, assim como a crescente influência destes nas cidades médias brasileiras e o papel que as atividades econômicas podem ter na leitura das constantes mudanças provocadas por eles no tecido urbano e nas centralidades intraurbanas. Já no segundo subcapítulo, discorre-se sobre os conceitos

de forma e função na Geografia Urbana, assim como a importância da dimensão temporal para suas análises

2.1 A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE, AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E A CENTRALIDADE

Todo o processo de reestruturação produtiva que perpassa diversos momentos da história, e que recentemente passa pela implementação de um regime de acumulação flexível, possui resultados de natureza econômica, social, política e, conseqüentemente, espacial (HARVEY, 2007 apud AMORIN, 2013). No caso brasileiro, especialmente a partir das últimas décadas do século XX, tais tendências levaram à incorporação de novas relações trabalhistas e estimularam investimentos públicos e privados para a implantação de técnicas em uma dispersão da produção e do consumo pelo território nacional (AMORIN, 2013).

Este ganho de complexidade na divisão social e territorial do trabalho, que caminha junto à expansão do processo de urbanização, contribuiu para uma ampliação nas relações de competição e/ou complementação entre as cidades da rede urbana, o que permite argumentar que, concomitantemente, acontece uma complementação entre as cidades da rede urbana e, desta maneira, as interações espaciais são intensificadas e novos papéis de comendo começam a surgir, agora não mais sendo exercidos apenas por grandes cidades e/ou metrópoles. Isso nos possibilita argumentar sobre a ocorrência de uma reestruturação urbana (SOJA, 1993; AMORIN, 2013; SPOSITO, 2017)".

Ao debruçar-se sobre as profundas mudanças quanto à rede urbana brasileira nos últimos cinquenta anos, destacam-se os novos papéis urbanos e regionais adquiridos pelas cidades médias que, principalmente por conta da ampliação das dinâmicas de consumo, passam a exercer uma posição intermediária entre as cidades pequenas e a metrópole (SPOSITO, 2017), além de abrangerem — ou mesmo, em algumas vezes, se contraporem à implantação de — lógicas globais que tendem a instituir novos espaços de semelhança e de diferença (AMORIN, 2013).

Neste contexto, diversos agentes passam a integrar mais que nunca as cidades médias, que passam a ser alvo de investimentos de empresas cada vez mais articuladas com as escalas nacional e global, e que passam a influenciar nas dinâmicas locais e regionais a partir de suas estratégias locais. Entende-se,

portanto, que estes ramos de atividades econômicas — comerciais, industriais e de serviços — passam a ser peças chaves para a compreensão das novas relações e dinâmicas que fazem parte da reestruturação urbana, em especial no caso destas cidades médias (SPOSITO; SPOSITO, 2017).

Dentro destes núcleos, as consecutivas reestruturações econômicas atingem também o âmbito intraurbano — gerando uma reestruturação da própria cidade (SPOSITO, 2005; 2007) — e passam a configurar novas tendências geográficas que vão contribuir para com a reprodução cada vez mais ampla e dinamizada da lógica capitalista. Desta forma, as cidades médias passam a se adequar à chegada de diversas tecnologias e estruturas, como foi o caso do automóvel e é o caso dos meios informacionais, além de empreendimentos econômicos como os hipermercados e os *shopping centers* (SILVA, 2008). As novas dinâmicas afetam diretamente a atratividade dos espaços urbanos perante os indivíduos que experenciam e constituem a cidade.

Defende-se, além disso, que dentro das análises sobre a reestruturação da cidade é pertinente estimular também uma reflexão sobre os papéis dos centros urbanos e das centralidades urbanas, principalmente por representarem não apenas espaços que exercem atratividade sobre as demais partes do tecido urbano, mas também “os nós, as convergências e as dispersões, as conexões e as articulações, os lugares das decisões e comandos, os lugares de encontros, ou seja, a essência das cidades” (SILVA, 2006, p. 214).

Tais espaços centrais sempre estiveram em constante transformação tanto em relação às formas quanto seus usos e conteúdos (WHITACKER, 2017), mas com a produção da própria cidade sob novas lógicas, surgem novas centralidades, assim como redefinições das pré-existentes, em conjunto com diversos processos de centralização e descentralização que modificam o espaço urbano e suas formas de ocupação (SILVA, 2008; WHITACKER, 2017).

Na redefinição destes espaços centrais não se pode esquecer, porém, que também existem disputas de interesses e embates entre diversos agentes, envolvendo principalmente os grupos dominantes, as grandes empresas, as incorporadoras, os proprietários de terras, o Estado e seus possíveis incentivos etc. (CORRÊA, 2004; OLIVEIRA JÚNIOR, 2008; SPOSITO, 2013).

As novas centralidades, ainda, vão implicar em novas funções e novas formas de acessibilidade, o que não acontece da mesma forma para todos os grupos sociais

dentro do urbano, por diversas questões, como o poder aquisitivo e o padrão de consumo das pessoas que frequentam os espaços, ou mesmo da dificuldade em locomover-se pela cidade. Ou seja, as reestruturações no tecido urbano também passam a exprimir centralidades que são socialmente segregadas e segregadoras (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008).

Ademais, como as cidades médias estão enfrentando diversas mudanças nas últimas décadas — principalmente por serem “jovens” em comparação às metrópoles e estarem passando por processos econômicos que estas já passaram há tempos (SPOSITO, 2013) — é evidente que também são e serão fortemente atingidas pelas reestruturações em suas centralidades, assim como ocorrem e ocorrerão segregações sociais e espaciais em decorrer disso. Sposito (2013), neste sentido, identifica tais tendências em cidades médias como Mossoró/RN, Marabá/PA, Dourados/MS, Uberlândia/MG, Londrina/PR, Bauru/SP, Chapecó/SC etc.

Portanto, mesmo com as particularidades de cada cidade média a ser estudada, parte-se de uma tendência de superação das estruturas monocêntricas no tecido urbano, isso não apenas por conta da modernização e da ampliação do acesso aos transportes, ou mesmo da expansão em população e extensão das cidades, mas também por conta das novas e (mais) contraditórias formas de produção do espaço urbano. Isso faz com que as centralidades sejam muitas e sejam diversas dentro das cidades, algumas vezes se localizando inclusive em áreas periféricas, configurando cada vez mais cidades multicêntricas ou policêntricas (SPOSITO, 2013).

Analisando mais profundamente essas alterações, é possível afirmar que estão diretamente ligadas, dentre outros fatores, aos novos padrões de organização espacial dos equipamentos comerciais e de serviços (SPOSITO, 1998), que vão transformando a economia, a forma de consumir e de lazer dos sujeitos, assim como seus próprios vínculos com a cidade em seu cotidiano.

Em síntese, sem desconsiderar que há também, questões muito complexas referentes ao planejamento urbano e aos interesses e narrativas em disputa dos agentes envolvidos,

[...] são os novos papéis determinados às cidades médias no processo de mundialização do capital que impelem nestas cidades a necessidade de criar novas áreas centrais, tornando as cidades médias atrativas à localização de novos artefatos ou equipamentos comerciais e de serviços pautados em novos fluxos, materiais e imateriais, de capital e mercadorias que reproduzem novos signos,

idéias, valores, contradições, discursos, dentre outros” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 218).

Sobre os agentes econômicos em específico, Sposito e Sposito (2017, p. 468) argumentam que as empresas são orientadas por “lógicas” — maneiras de se pensar, de se organizar, considerando a racionalidade que as cerca, neste caso no sentido econômico — dotadas de planejamento, intencionalidade, mensurações, avaliações e reavaliações que permitam optar por escolhas mais acertadas, que “[...] visam, em princípio, diminuir custos e ampliar as bases territoriais de sua ação [...]”. Os autores discutem, entretanto, que apenas a partir de ações efetivas, tanto no espaço quanto no âmbito político, é que se viabilizam tais lógicas econômicas das empresas, que não deixam de ser espaciais.

Os mesmos autores, ainda, apontam que mesmo que existam contextos diferentes dos quais as lógicas espaciais das empresas são colocadas em prática, elas continuam sendo gerais, uma vez que possuem características: geométricas, relativas às configurações criadas no espaço a partir das escolhas; imperiosas, visto que subjagam outros interesses na sociedade e se impõem como lógicas únicas; dominantes, porque ditam interesses capitalistas sobre os espaços; e cartesianas, pois buscam sempre maneiras de ampliar espacialmente o alcance da reprodução econômica das atividades econômicas (SPOSITO; SPOSITO, 2017).

Argumenta-se, desta forma, que é imprescindível analisar e refletir sobre como atuam os agentes econômicos e como estão localizadas as atividades econômicas territorialmente no tecido urbano das cidades médias, isso porque contribuem de uma maneira muito significativa para a reestruturação tanto das centralidades nas cidades, quanto para a própria reestruturação urbana.

Neste sentido, Camagni (2005), ao defender um “espaço econômico” presente no urbano, afirma que existem certas determinações em relação às lógicas que orientam as escolhas de localizações das atividades econômicas, sendo elas: acessibilidade, que remete às condições de movimento das pessoas e das mercadorias; aglomeração, em que a localização se dá por proximidade com outras atividades econômicas; competitividade, que incentiva uma hierarquia tanto na rede urbana como na cidade, e que produz tanto conflitos como complementaridades; a interação espacial, na qual se realizam diversas relações em torno dos principais focos econômicos das cidades (SPOSITO, 2018).

As análises feitas a partir dos resultados em relação à localização das atividades econômicas no tecido urbano das cidades médias de Maringá/PR e Dourados/MS levarão em conta, portanto, quais destas determinações mais se destacam em relação às lógicas percebidas nas mudanças em relação à morfologia, especialmente no que diz respeito às suas respectivas áreas centrais.

2.2 AS FORMAS DA CIDADE, SUAS FUNÇÕES E A TEMPORALIDADE

O conceito de “morfologia” normalmente é atrelado aos campos da Biologia e da Linguística, vinculado especialmente às análises sobre a forma dos organismos e das palavras, respectivamente. Já quanto às morfologias urbanas, tende-se a superar a abordagem da forma como apenas geométrica e/ou plástica, especialmente porque essa adjetivação denota o próprio processo de produção do espaço urbano, que se reflete na organização e nas configurações do tecido urbano materializado nas cidades (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012).

A ideia de forma, considerando a Geografia, deveria, portanto, compreender mais do que apenas a observação das formas, mas também dos processos que as criam e tanto de estruturas quanto de novos processos socioespaciais que são reproduzidos por elas (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012). Sob a perspectiva de Lefebvre (1999), tais formas podem ainda estar relacionadas com as relações de poder que permeiam a cidade, visto que a disposição espacial dessas formas é uma expressão das ideologias e das ações dos diversos agentes que produzem e disputam o espaço urbano.

Whitacker e Miyazaki (2012), argumentam que os estudos que consideram a Morfologia Urbana permitem que sejam realizadas comparações tanto espaciais quanto temporais, visto que o tecido urbano é estabelecido no decorrer do tempo e é constituído de combinações entre o “novo” e o velho” — os autores, inclusive, aproximam essa ideia com o conceito de rugosidade proposto por Santos (2006) — o que permite que seja analisada sua evolução, ou melhor, como se configura em um mosaico que imbrica espaço e tempo.

Santos (1978), no mesmo sentido, ao apresentar suas concepções sobre o espaço na Geografia, argumenta que as formas representam as relações sociais — que são extremamente desiguais — ao longo do tempo e do território. Ainda, afirma que se manifestam também por meio de suas respectivas funções, ou seja, os papéis,

as atividades e “tarefas” desempenhadas por tais formas, que também se alteram no decorrer do tempo e em decorrência dos grupos sociais que delas se apropriam.

Para o autor, portanto, a forma sempre aponta para uma função relacionada, isso porque ela precisa de um “significado”, que vai ser mediado pelo desenvolvimento técnico, pelas demandas sociais e econômicas, por aspectos culturais etc. A partir disso, afirma-se que neste trabalho os estabelecimentos comerciais investigados de acordo com sua localização no tecido urbano são entendidos como formas espaciais que não se desvinculam de suas funções, as atividades econômicas desenvolvidas nestes espaços, suas características e sua concentração.

Tendo as dimensões histórica e processual como fundamentais para a compreensão das formas urbanas, de seus conteúdos, dos processos que as produziram e são produzidos por elas, assim como a função que desempenham no âmbito do intraurbano, é que se propõe neste trabalho uma análise das formas produzidas especialmente por agentes econômicos nas cidades médias estudadas, assim como sua evolução em meio às reestruturações (econômica, urbana e da cidade), considerando também como se constituem as áreas centrais nestes espaços.

3 METODOLOGIA

O terceiro capítulo deste trabalho tem como objetivo expor as principais bases metodológicas e as maneiras em que foram aplicadas nas investigações que buscam atingir os objetivos estabelecidos para a pesquisa. Para tanto, foi necessário fragmentá-lo em três subdivisões que versam sobre: (1) a metodologia que considera dados de endereço de empresas presentes no Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos no ano de 2010, e que resultou no mapeamento da concentração destes estabelecimentos; (2) a metodologia desenvolvida por pós-doutorandas do projeto temático FragUrb, que com procedimentos muito semelhantes aos da anterior, leva em conta dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, desta vez em uma série histórica; (3) a metodologia por trás das atividades mais práticas de pesquisa, como foi o caso dos trabalhos de campo em Dourados/MS e Maringá/PR e das entrevistas realizadas em associações comerciais destas cidades.

3.1 CNEFE-CNAE

Um dos desafios propostos a este trabalho, que é enfatizado desde o primeiro relatório de pesquisa, é o de montar um banco de dados que contemple as empresas de cada uma das cidades médias pesquisadas, além de suas localizações dentro do espaço urbano, visto que buscamos, deste modo, analisar as estratégias de distribuição dos principais agentes do consumo e suas relações com o espaço conformando em uma reestruturação urbana, e principalmente de reestruturação da própria cidade.

A partir desta demanda, foi utilizada uma metodologia já desenvolvida anteriormente no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), proposta por diversos autores — como Whitacker (2003), Miyazaki (2013), Porto-Salles et al (2014) e Carli (2016) — considerando dados do Cadastro Nacional de Endereços para fins Estatísticos (CNEFE), levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo organizados e reclassificados manualmente pelo próprio pesquisador segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Esta forma de trabalhar somente é viável neste caso, porém, a partir de uma possibilidade que foi apontada, dentre outros trabalhos, por Whitacker (2017), quando afirma que é viável ponderar sobre as centralidades urbanas ao ser investigada a concentração das atividades econômicas no tecido urbano. Ou seja, estas atividades seriam um dos indicadores de centralidade, visto que apresentam espaços conectados e articulados de uma forma mais complexa com a cidade, sendo lugares de comando no urbano e de encontro de muitos indivíduos para as mais diversas finalidades, dentre elas o consumo, a socialização e o lazer, o trabalho etc.

A presença de tantas informações permitiu que cada atividade econômica fosse identificada e analisada, mas também localizada e georreferenciada em mapas, por meio de ferramentas presentes em *softwares* de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), em que também foi possível calcular a concentração destes estabelecimentos, considerando o método da Estimativa de Densidade de Kernel.

Portanto, nesta parte do texto serão abordados as principais práticas e temáticas que envolvem os procedimentos metodológicos, desde o percurso histórico das fontes de dados utilizadas, até como são estruturadas e funcionam, os desafios que proporcionaram e as opções escolhidas para resolvê-los.

3.1.1 História, características e possibilidades

O Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), levantado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma base de dados pública e disponível para *download* a todos que possuam interesse, criada a partir de um levantamento que tem início e é aperfeiçoado entre os Censos Demográficos de 2000 e 2010 (PORTO-SALES et al, 2014). Neste estudo, publicado em 2012 como resultado do Censo Demográfico de 2010, todos os endereços são compostos pelas categorias evidenciadas e exemplificadas no Quadro 1.

Todos estes dados detalhados sobre as localidades do urbano são separados pelo CNEFE em diversas variáveis elencadas de 1 a 7 na seguinte ordem: domicílios (1); estabelecimentos domiciliares coletivos (2); estabelecimentos agropecuários (3); estabelecimentos de ensino (4); estabelecimentos de saúde (5); estabelecimentos de outra finalidade (6) e edificações em construção/reforma (7) (IBGE, 2013). Para este trabalho foram selecionadas e analisadas apenas as variáveis 4, 5 e 6: as duas primeiras por representarem espaços (escolas, hospitais, consultórios médicos etc.) que atraem grande público e geram muitos movimentos no urbano, e a última por conter praticamente a totalidade dos endereços empresariais, de comércio e de serviços.

Quadro 1: Categorias presentes nos dados fornecidos pelo CNEFE/IBGE

Código do setor censitário	Unidade territorial para coleta de informações censitárias
Tipo de logradouro	Ruas, avenidas, vielas, vias, rodovias, becos etc.
Título de logradouro	Prefeito, Coronel, Presidente, Vereador, Professor etc.
Nome de logradouro	Nome da via, definido pela Câmara de Vereadores do município
Número do lote	Numeração do estabelecimento, quando houver.
Modificadores	Frente, fundos, térreo, andar, número/letra de apartamento etc.
Localidade	Bairros ou zonas

Variável	De 1 a 7, segundo o perfil do endereço (domiciliar, coletivo, rural, de ensino, de saúde, econômico ou em construção)
Identificação do estabelecimento	Descrição do que existe naquele endereço
Indicação de domicílio individual ou coletivo	Número 1 para domicílio e número 2 para pousadas, hotéis, albergues, abrigos etc.
Números da quadra e face	Registro legal do terreno em cartório
Código de Endereçamento Postal (CEP)	Código para localização espacial de serviços postais

Elaborado pelo autor.

Esta riqueza de detalhes sobre os endereços da cidade permitiu, portanto, que se estabelecessem e quantificassem as localizações dos principais pontos de centralidade das cidades de Maringá/PR e Dourados/MS. Isso principalmente porque a categoria “Identificação do estabelecimento” permite, na maior parte dos casos, ponderar sobre qual atividade econômica é exercida naquele espaço, momento que se torna essencial a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

A CNAE, por sua vez, surge, mesmo que de forma diferente da atualidade, de uma tendência internacional de padronizações nas classificações, comandada desde os anos 1970 pela Organização das Nações Unidas (ONU), visando uma comparação mundial de índices. Na década de 1990 cria-se, no âmbito do IBGE, a Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), que atualiza e publica as normas de classificação das atividades econômicas, assim como outras diretrizes para inúmeros tipos de ordenamentos (BRASIL, 2006, p. 4).

As últimas publicações consideram uma estrutura hierárquica, dividida em cinco níveis, respectivamente: seções, divisões, grupos, classes e subclasses, o primeiro com um código alfabético e os demais com códigos numéricos. Uma delimitação foi necessária, entretanto, para a construção do banco de dados, considerando apenas os três primeiros níveis, tanto pelo limite das informações obtidas com as identificações dos endereços no CNEFE, que não oferecem, muitas vezes, detalhes sobre as atividades desenvolvidas nos estabelecimentos, quanto pelo tempo hábil de pesquisa, que não atenderia a demanda para a organização de tantas classes.

Segue, já no Quadro 2, o nível das seções e a quantidade de divisões e grupos que estas englobam, de acordo com a CNAE 2.3, utilizada nas classificações da pesquisa.

Quadro 2: Seções, divisões e grupos da CNAE 2.3/CONCLA

Seções	Denominações das seções	Divisões	Grupos
A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	01 - 03	011 - 032
B	Indústrias extrativas	05 - 09	050 - 099
C	Indústrias de transformação	10 - 33	101 - 332
D	Eletricidade e gás	35	351 - 353
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	36 - 39	360 - 390
F	Construção	41 - 43	411 - 439
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	45 - 47	451 - 478
H	Transporte, armazenagem e correio	49 - 53	491 - 532
I	Alojamento e alimentação	55 - 56	551 - 562
J	Informação e comunicação	58 - 63	581 - 639
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	64 - 66	641 - 663
L	Atividades imobiliárias	68	681 - 682
M	Atividades profissionais, científicas e técnicas	69 - 75	691 - 750
N	Atividades administrativas e serviços complementares	77 - 82	771 - 829
O	Administração pública, defesa e seguridade social	84	841 - 843
P	Educação	85	851 - 859
Q	Saúde humana e serviços sociais	86 - 88	861 - 880
R	Artes, cultura, esporte e recreação	90 - 93	900 - 932
S	Outras atividades de serviços	94 - 96	941 - 960
T	Serviços domésticos	97	970
U	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	99	990

Fonte: IBGE (2002).

Portanto, dentro da metodologia utilizada e proposta, seguem exemplos de como funciona o processo de classificação para diversos tipos de atividades

econômicas, partindo das identificações dos estabelecimentos (em caixa alta, assim como disponibilizados pelo IBGE):

- Um estabelecimento identificado como “CASA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO” é colocado na seção G (comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas), na divisão 47 (comércio varejista) e no grupo 474 (Comércio varejista de material de construção);
- Um estabelecimento identificado como “FABRICA DE SAPATOS” é colocado na seção C (indústrias de transformação), na divisão 15 (preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados) e no grupo 153 (fabricação de calçados);
- Um estabelecimento identificado como “DENTISTA” é colocado na seção Q (saúde humana e serviços sociais), na divisão 86 (atividades de atenção à saúde humana) e no grupo 863 (atividades de atenção ambulatorial executadas por médicos e odontólogos);
- Um estabelecimento identificado como “ESCRITORIO DE CONTABILIDADE” é colocado na seção M (atividades profissionais, científicas e técnicas), na divisão 69 (atividades jurídicas, de contabilidade e de auditoria) e no grupo 692 (atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária);
- Um estabelecimento identificado como “LANCHONETE” é colocado na seção I (alojamento e alimentação), na divisão 56 (alimentação) e no grupo 561 (restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas).

Tendo todos os dados do CNEFE reclassificados em relação à CNAE, consequentemente é possível, além de localizar os estabelecimentos dentro do tecido urbano, também os qualificar e aprofundar os argumentos sobre o comportamento das centralidades urbanas, dizendo não apenas que elas existem, mas do que são constituídas ou se possuem estabelecimentos com alguma especialização/função específica.

Por fim, destaca-se que, como Apêndice 1 deste trabalho, consta um esforço de compilação dos passos para desenvolver um banco de dados que considere dados CNEFE reclassificados segundo à CNAE, o que pode ser uma contribuição para o desenvolvimento de produções futuras, tendo em vista que são apresentados os

procedimentos de forma detalhada e levando em conta plataformas e *softwares* atualizados.

3.1.2 Os desafios metodológicos e as maneiras de enfrentamento

Apesar de ser uma ótima ferramenta metodológica, o CNEFE apresenta alguns desafios quanto às identificações dos estabelecimentos, por conta da dimensão interpretativa muito forte dos recenseadores em sua atuação, fazendo com que não exista uma uniformidade nos dados.

Ocasionalmente, por conta disso, ocorrem casos de uma atividade ou um estabelecimento ter várias denominações, e um exemplo são os postos de combustível, que podem ser encontrados denominados por “GASOLINA”, “POSTO”, “POSTO DE GASOLINA”, “COMBUSTIVEL”, “POSTO DE COMBUSTIVEL”, “VENDA DE GASOLINA”, “VENDA DE COMBUSTIVEL”, entre muitos outros. Estas situações não são propriamente um desafio, apenas deixando mais complexa a classificação, sendo decidido, por conta disso, não padronizar estes dados, mantendo e evidenciando o que foi publicado pelo IBGE.

O contrário também pode acontecer, com atividades diferentes tendo mesmas denominações, como é o caso da identificação “DESPACHANTE”, que pode exprimir tanto a atividade de despachante aduaneiro (seção H, divisão 52 e grupo 525) quanto a de despachante documentalista (seção N, divisão 82 e grupo 829). Nestes episódios optou-se por pesquisar alguns dos endereços na ferramenta *Street View* do *Google Maps*, e quando mesmo assim não era possível fazer uma identificação mais precisa, optou-se por classificar parcialmente (apenas em seção e divisão) ou fazer uma amostragem com os estabelecimentos que conseguiram ter suas atividades identificadas e aplicar a proporção para os demais.

Dentro desta problemática, ainda, aparecem as identificações que possuem uma generalidade muito forte, como por exemplo: “COMÈRCIO” (varejo ou atacado?) “LOJA” (o que vendem?), e “VENDA” (de qual produto?). Foi decidido como solução classificar as atividades econômicas presentes nestes endereços apenas parcialmente, considerando somente a seção ou a seção e a divisão.

Ainda, endereços que apareciam como “VAGO”, “FECHADO” ou “EM CONSTRUÇÃO”, assim como locais que não eram atividades econômicas ou classificáveis pela CNAE, foram descartados. Também são recorrentes as

denominações incompletas e os erros de digitação, que, na maior parte das vezes, podem ser distinguidos na primeira observação, mas que, quando inconclusivos, também foram levados à ferramenta *Street View* ou pesquisados.

Outro desafio é o de lidar com cadastros de duas ou mais atividades econômicas estando presentes no mesmo endereço, como por exemplo “BAR E LANCHONETE”, “PADARIA E MERCEARIA”, “BAR E DANCETERIA” e “OFICINA PET SHOP MERCADO”. Nestes acontecimentos, foi decidido priorizar as atividades, duplicando os endereços e contemplando tudo que é desenvolvido no local.

Por fim, os *shopping centers* se mostraram uma dificuldade, visto que, mesmo comportando diversos estabelecimentos e atividades econômicas, são caracterizados no CNEFE, na maior parte das vezes, como apenas um endereço. Foi decidido, então, consultar a quantidade de *shopping centers* presentes em cada uma das cidades estudadas por meio da Associação Brasileira de Shopping Centers (ABRASCe) e, a partir dessa informação, levantar a quantidade de lojas em cada empreendimento por meio de seus endereços eletrônicos oficiais. Todos esses estabelecimentos comerciais foram classificados e incorporados aos endereços do CNEFE.

3.1.3 O trabalho de mapeamento

Para que fosse feita a geocodificação² dos endereços das atividades econômicas de cada cidade estudada nesta pesquisa, portanto, foi utilizada uma extensão presente no *software* QGIS, a “HQGIS/HERE GEOCODE API” da empresa HERE Technologies. Ela possibilita — após o credenciamento na plataforma e o resgate de uma chave gratuita de acesso — o processamento de cerca de 800 endereços por vez, criando uma camada com um ponto para cada uma das localidades.

Por conta das especificidades desta ferramenta, uma nova visita às tabelas dos bancos de dados das cidades de Dourados/MS e Maringá/PR foi necessária, adicionando três colunas aos dados de endereço: uma para o nome da cidade e as outras para a unidade da federação e para o país. Além disso, as colunas “Tipo de

² Como parte desta etapa da metodologia CNEFE-CNAE, foram levadas em conta as contribuições das pesquisadoras de pós-doutorado, com bolsas vinculadas ao projeto temático FragUrb: Dr.^a Vanessa Moura de Lacerda Teixeira e Dr.^a Késia Anastácio Alves da Silva. Mesmo que todos os mapas e toda a fase de organização dos dados tenham sido elaborados pelo autor deste trabalho, grande parte dos procedimentos foram desenvolvidas pelas pós-doutorandas.

logradouro”, “Título de logradouro”, “Nome de logradouro” e “Número do Lote” foram aglutinadas/concatenadas agora em apenas uma coluna. Por fim, os bancos de dados são separados em novos arquivos de tabelas contendo até 800 endereços cada.

Continuando, quando já tratadas de forma adequada, essas planilhas são transformadas de Arquivo do Excel (.xlsx) para arquivos .csv, para que possam ser adicionadas como camadas no QGIS e assim utilizadas pela extensão HQGIS. Ao fim do processo de geocodificação é preciso conferir os resultados e, caso algum endereço não tenha sido encontrado, torna-se necessária a inserção manual do ponto no mapa. É possível, a partir daí, salvar essa camada de pontos em um arquivo *shapefile* e, quando todos os pontos de uma cidade são processados, mesclar/unir todas as camadas geradas em apenas uma só.

Finalmente, para que os mapas de concentração sejam obtidos, é preciso que um sistema de referência de coordenadas plano e adequado para a área de estudo seja adotado e que se utilize a ferramenta “Mapa de calor” do QGIS, que vai considerar o método de Estimativa de Densidade de Kernel³, definindo as áreas de maior ou menor concentração de atividades econômicas na área urbana da cidade em questão.

3.2 BANCO DE CNPJ

Os recortes estabelecidos para esta metodologia⁴ são de um balanço feito entre as aberturas e baixas de CNPJ considerando datas chave que concentram alterações em certos períodos: 1990, com movimentações entre os anos de 1970-1990, abarcando dados a partir da instituição do antigo Cadastro Geral de Contribuintes (Lei 5.614/70); 2000, com variações entre 1991-2000; 2010, apresentando alterações entre os anos de 2001 e 2010; 2021, representando

³ É um método de interpolação de dados que considera a intensidade pontual de um determinado fenômeno em um recorte específico de estudo. Para que seja executada essa função, é necessário um arquivo vetorial do tipo ponto, que esteja configurado em coordenadas planas, e a definição de um raio (em metros) da qual a intensidade de pontos vai ser analisada. A partir destes procedimentos, uma camada matricial é gerada com um “mapa de calor”, inicialmente em tons de cinza, mas com padrões de cores — que vão da menor concentração de pontos até a maior — adaptáveis ao uso escolhido.

⁴ Assim como no caso dos dados CNEFE-CNAE, o trabalho com as informações referentes aos registros do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) foi desenvolvido por pós-doutorandas associadas ao projeto temático FragUrb, especialmente: a Dr.^a Késia Anastácio Alves da Silva, a Dr.^a Natália Daniela Soares Sá Britto e a Dr.^a Paula Neumann Novack. Destaco, inclusive que, publicações com melhor detalhamento sobre a construção desta metodologia por tais pesquisadoras encontram-se no prelo. Portanto, será apresentada neste trabalho de conclusão de curso apenas uma síntese do que se consistem estes dados e como foram trabalhados.

modificações entre o ano de 2011 e o ano de 2021, sendo este o período com maior abertura de registros, especialmente pelos esforços governamentais em baratear e simplificar a criação e a legalização de empresas.

É importante salientar, em vista disso, que são indicadores com características completamente diferentes dos obtidos com a metodologia CNEFE-CNAE, especialmente por dizerem respeito à variação da presença de atividades econômicas — que não necessariamente se constituem em estabelecimentos comerciais, industriais ou de serviços no tecido urbano das cidades — no tempo e no endereço que lhes foi associado no momento do registro.

Porém, assim como foi feito em relação aos dados CNEFE-CNAE, este imenso conjunto de informações foi mapeado, considerando etapas muito similares: sistematização do banco de dados, georreferenciamento destes dados considerando o endereço fornecido no cadastro, utilização de ferramentas em *softwares* de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) para aplicação da Estimativa de Densidade de Kernel e a criação de mapas de concentração (também comumente chamados de mapas de calor).

3.3 TRABALHOS DE CAMPO E ENTREVISTAS COM ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS

Com o objetivo de aprofundar e melhor discutir as informações produzidas em relação aos dados secundários obtidos, foram feitos três trabalhos de campo. Dois deles na cidade de Maringá/PR: o primeiro ocorrendo ainda no ano de 2020, entre os dias 22 e 24 de janeiro, no qual foram visitados os principais *shopping centers* e espaços comerciais, assim como o centro da cidade, além de ser realizada uma entrevista semiestruturada com um representante da Associação Comercial e Empresarial de Maringá (ACIM); o segundo ocorrendo já em 2022, após a redução das medidas de restrição sanitárias em relação à pandemia de Covid-19, entre os dias 28 e 30 de março, no qual foram feitos trajetos pelas principais áreas de concentração de atividades econômicas — observadas nos resultados da metodologia CNAE-CNEFE —, tendo como produto anotações de campo e fotografias.

Já tendo como foco a cidade de Dourados/MS, foi realizado um único trabalho de campo, entre os dias 20 e 24 de março de 2022, durante o qual foi visitado o Shopping Avenida Center de Dourados e foram privilegiados trajetos pelas áreas que se destacaram como maiores aglutinadoras de atividades econômicas. Para mais,

foram feitos contatos para que se realizasse uma entrevista semiestruturada com representantes da Associação Comercial e Empresarial de Dourados (ACED) em que estavam presentes também outros agentes locais bem-informados — o atual secretário municipal de desenvolvimento e um professor universitário aposentado que já foi secretário da indústria, comércio e serviços da cidade —, sendo realizada apenas em 24 de maio de 2022⁵.

Nas entrevistas realizadas em cada uma das associações comerciais locais, foram abordados temas como: perfil do entrevistado; perfil e atividades da entidade; visão da associação sobre o crescimento e a economia da cidade; visão sobre o centro da cidade; relação com agentes políticos etc. Os roteiros de entrevista utilizados constam nos Anexos 1 e 2, assim como consta no Anexo 3 um relato sobre a entrevista realizada em Dourados/MS.

4 AS PARTICULARIDADES DE CADA CIDADE ESTUDADA

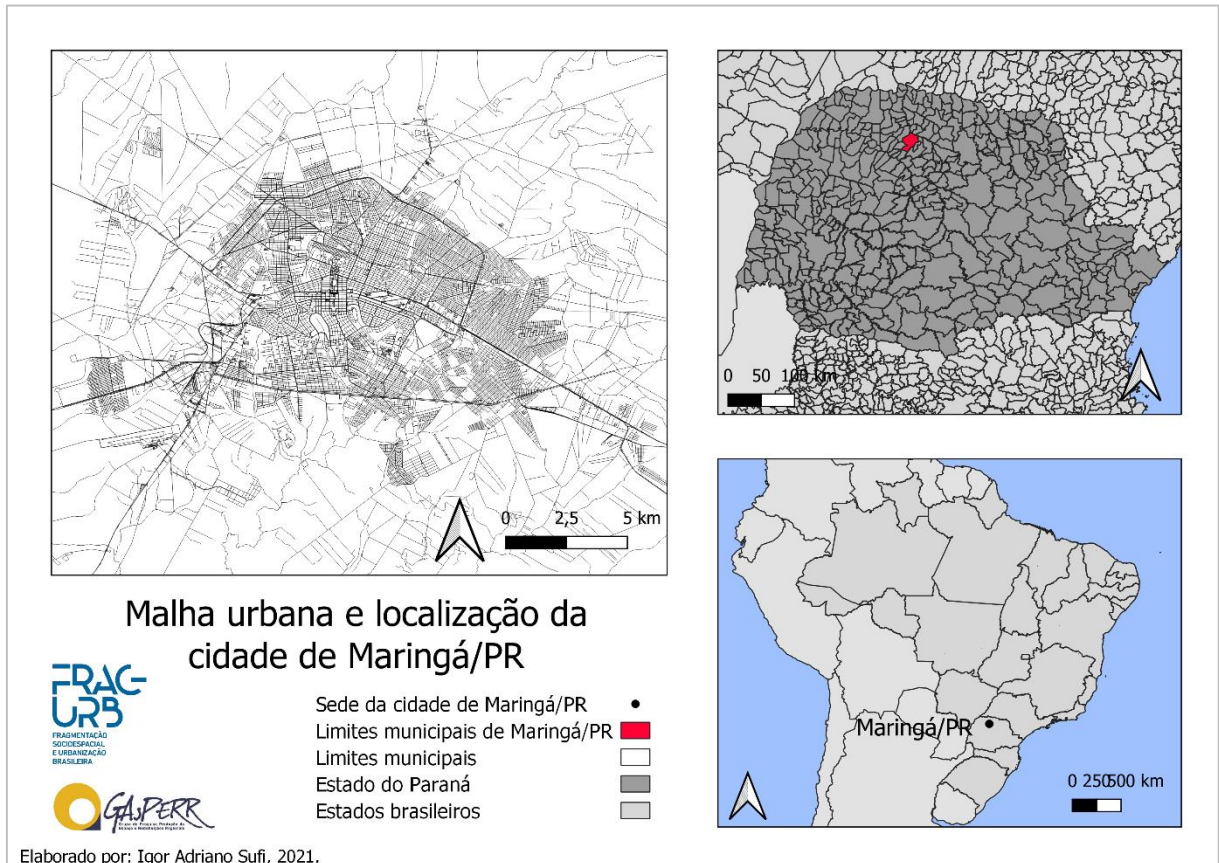
Neste quarto capítulo serão abordadas especificidades em relação às cidades médias estudadas no trabalho. Cada cidade corresponde, portanto, a um subcapítulo que discute — a partir de produções relativamente atuais, levantadas em pesquisas bibliográficas —, sua formação socioespacial; a influência e os papéis desempenhados na rede urbana; a chegada de grandes empreendimentos comerciais; a conformação das áreas centrais e das centralidades que se expressam, assim como a visão dos agentes econômicos e políticos locais sobre tais temas.

4.1 MARINGÁ/PR

A cidade média de Maringá é localizada no norte do estado do Paraná (Figura 1) e, de acordo com a pesquisa “Região de Influência das Cidades” de 2018, é tida como uma Capital Regional B que desempenha um papel importante na rede urbana da região em que faz parte, influenciando diretamente em 108 outros núcleos urbanos, sem deixar de ter relações com a metrópole regional de Curitiba/PR e com a metrópole nacional de São Paulo/SP (IBGE, 2020).

⁵ Com a colaboração do Dr. Hamilton Romero e da Prof.^a Dr.^a Maria José Martinelli Silva Calixto, ambos pesquisadores da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e ligados ao projeto temático FragUrb.

Figura 1: Conjunto de mapas com a malha urbana e a localização da cidade de Maringá/PR



Fonte: Open Street Map, 2021; IBGE, 2010. Organizado por Igor Adriano Sufi.

Parte dessa influência tem origem no fato de Maringá/PR ser um grande polo fornecedor de bens e serviços, que abrange tanto sua população quanto sua vasta área de influência. Ghizzo e Ribeiro (2016), a partir disso, contribuem argumentando que desde a consolidação do município fortemente enraizada na produção cafeeira — ou seja, desde os primeiros planos da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) para a reocupação e urbanização destes espaços — a cidade foi planejada para ser protagonista e ter um papel de comando em relação aos núcleos urbanos próximos, o que faz com que ainda atualmente a cidade se destaque principalmente no setor terciário.

A cidade, já na década de 1950 polarizava o fornecimento de produtos industrializados e tinha um comércio muito atuante, tanto no setor varejista quanto no atacadista. Ainda, para que esse papel estratégico na rede urbana fosse possível, foram feitos diversos investimentos nas próximas décadas, tanto do poder público

quanto do privado (GHIZZO; RIBEIRO, 2016) em certas áreas específicas, o que aconteceu majoritariamente nos anos 1970 com a ampliação das rodovias.

Silva (2008), neste mesmo caminho, evidencia que as grandes obras, ou mesmo os principais projetos de reestruturação que exigiram altos investimentos em infraestrutura, foram implementados principalmente no Centro Principal e no projeto Novo Centro, que são contíguos. Todas estas políticas, portanto, acabam influenciando no reforço de uma centralidade mais polarizada em um centro tido como tradicional, ainda que existam zonas — e não eixos, como acontece em outras cidades, sendo Londrina/PR um exemplo, segundo Silva (2008) — de expansão dele.

Ainda no final da década de 1980 e início da década de 1990, porém, começam a chegar empreendimentos econômicos, como os *shopping centers* e os hipermercados, dinamizando, diversificando e complexificando ainda mais as relações de consumo no âmbito local e regional. Sobre isso, Whitacker (2017) afirma que principalmente as inaugurações mais recentes — do Catuaí Shopping Maringá e do Shopping Cidade Maringá — contribuem para uma certa expansão do centro tradicional da cidade, pois se localizam nas extremidades de vias que possibilitam seu acesso.

A variedade na oferta de produtos também chega ao comércio atacadista, que ganha força em Maringá/PR na década de 1990, com destaque para os *shopping centers* atacadistas de confecções, que consolidam a cidade como um dos principais polos atacadistas em moda no país. Asalin (2014) contribui para o debate ao afirmar que, mesmo que este setor influencie em uma centralidade urbana não tão polarizada quanto o centro tradicional, suas dinâmicas espaciais divergem do restante da cidade e não dialogam tão bem com circuito econômico local. Isso principalmente pelo público que tais empreendimentos atraem, constituído de compristas/lojistas de todo o estado do Paraná e do Brasil, não sendo necessariamente de consumidores locais.

Em suma, o que se pode dizer com base no que já foi escrito sobre as dinâmicas centrais de Maringá/PR é que existiria, de fato, uma reestruturação da cidade e, da mesma forma, áreas alternativas ao centro principal, mesmo que suas ocorrências sejam muito sutis e ligadas às centralidades já previamente existentes. Isso porque o centro principal continua tendo o papel mais importante na articulação com as demais áreas do tecido urbano e são poucos os espaços de grande abrangência quanto ao consumo que estão em outras localizações (SILVA, 2008; 2010).

Essa prevalência do centro de Maringá/PR como principal teria relação, segundo Silva (2010, p. 40-41) com a cidade e “[...] suas formas, [que] permitem que haja um maior espraiamento das atividades funcionais por meio de avenidas que se comportam como indutoras e que terminam por não saturar o Centro Principal [...]”, pelo contrário, acabam o reforçando e agem como indutoras de expansões centrais, visto que a maior parte das atividades econômicas ainda prefere o centro principal para se estabelecer.

Para mais, é preciso ter em mente que existem estratégias de atuação dos agentes econômicos — que fazem parte destas centralidades discutidas até o momento — no que diz respeito ao intraurbano. Neste sentido, a entrevista com um representante da Associação Comercial e Empresarial de Maringá (ACIM) revela que são diversas as parcerias entre os agentes econômicos e a Prefeitura Municipal, em âmbitos que muitas vezes se confundem:

[...] está tendo uma lei lá na Câmara Municipal que um vereador apresenta, que vai prejudicar o comércio. Nós atuamos diretamente sobre aquilo, fazendo pesquisa, levantamento do impacto negativo ou positivo que aquilo traria. Se for positivo, nós estamos dentro, estamos apoiando. Se for negativo, nós vamos lá e apresentamos que isso precisa ser feito, se isso não foi analisado. [...] Além do Observatório Social de Maringá, que foi criado pela ACIM, e está dentro da nossa estrutura. E ele faz o quê? Ele fica analisando os editais da prefeitura. Então, ele analisa todos os critérios, se tem alguma coisa que não está sendo cumprida, ou se não está claro e objetivo o porquê precisa daquela compra. Nós também, analisamos, levantamos e mostramos para a Secretaria, para o prefeito, para eles somarem as correções. Porque a gente cuida do dinheiro público, é o nosso dinheiro que está sendo gasto ali [...] nós nos preocupamos tanto com esta questão que nós criamos o CODEM, que é Conselho de Desenvolvimento Econômico de Maringá, e ele é o grande guardião das nossas vocações e daquilo que a gente quer para a cidade. O que nós víamos que acontecia aqui antes: projetos de prefeito para prefeito, quando mudava a gestão, um abandonava, não dava prosseguimento e a cidade só perde com isso. Então, o CODEM foi criado para isso, para cobrar do poder público também: “olha, esse projeto foi concebido, tem futuro, tá dando certo, vamos continuar”. É praticamente um plano de governo que a gente entrega pro governo municipal [...]

(Gerente Institucional da ACIM. Entrevista realizada pelo autor, pessoalmente, em janeiro de 2020, sendo transcrita em fevereiro de 2020).

Por fim, é importante destacar que, assim como argumenta Corrêa (2004), as empresas também possuem interesses e atuam na produção do espaço urbano, o que é evidente em Maringá/PR quando é dado o ponto de vista da ACIM sobre a

expansão/o crescimento da cidade média, deixando clara a defesa de um planejamento urbano que contemple pautas chave para os agentes econômicos, estes que se organizam para reivindicá-las:

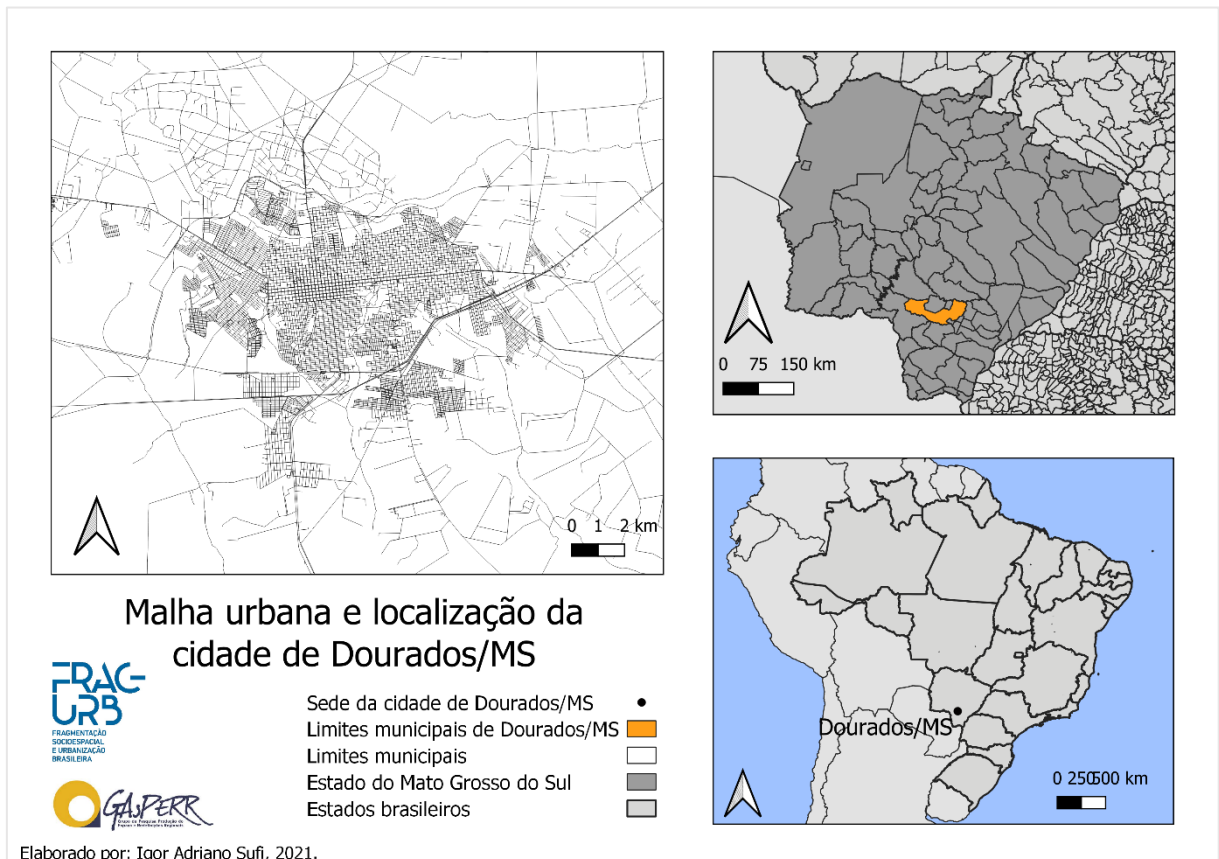
[...] nós temos [...] o Conselho Municipal de Planejamento e Gestão Territorial. Nós temos um assento lá, nós somos convidados a participar com um representante. E esses assuntos quando são tratados, esse representante nos traz as informações e tudo mais. Eu sei que tinha até uma ZEIS, Zonas Especiais de Interesse Social. Tinham alguns espaços vazios na cidade que eles queriam criar essas zonas pra construção de prédios de habitação, só que, assim, o nosso representante trouxe a preocupação de a área que estavam querendo ocupar com prédios residenciais para pessoas de baixa renda era uma área que não tinha infraestrutura de serviços da cidade, como, por exemplo, escola, creche, UPA etc. Então nós alertamos o poder público com relação a isso. Ou construiu esses imóveis numa área onde tinha reclamação de mal cheiro, que era onde tinha, sei lá... um matadouro de aves, onde tem três matadouros de aves um do lado do outro, ali perto da saída pra Mandaguaçu, por exemplo. Então nós alertamos isso, que é inviável isso, porque daí as pessoas vão morar lá e vão começar a reclamar. Aí nós vamos ter que fazer o que? Eles vão querer que mude aquelas indústrias de lugar, mas quem estava lá primeiro? A indústria. [...] nós também pensamos no crescimento da cidade, o crescimento ordenado. Nós não queremos [...] nós não queremos crescer um milhão de habitantes. Maringá não quer ter um milhão de habitantes, nós queremos crescer, com qualidade de vida até certo ponto. Depois disso a cidade se torna inviável para as vias que foram planejadas. Como nossa cidade foi planejada desde o início, nós queremos manter esse planejamento, entende? Nós não queremos crescer, crescer... trazer indústrias, indústrias e indústrias, sabe? Nós queremos crescer até certo ponto e manter a nossa qualidade de vida.

(Gerente Institucional da ACIM. Entrevista realizada pelo autor, pessoalmente, em janeiro de 2020, sendo transcrita em fevereiro de 2020).

4.2 DOURADOS/MS

A cidade média de Dourados se localiza no sul do estado do Mato Grosso do Sul (Figura 2), desempenhando também um papel importante em sua região, visto que é tida como uma Capital Regional C, tendo influência em cidades mesmo fora dos limites estaduais, principalmente nos ramos de serviços, comércio e lazer. É indiscutível, da mesma forma, a enorme relevância das atividades agroindustriais — e de todo um aparato comercial e de serviços que formou e forma para este setor um sistema de apoio — para a consolidação deste papel abrangente na rede urbana (SILVA, 2012).

Figura 2: Conjunto de mapas com a malha urbana e a localização da cidade de Dourados/MS



Fonte: Open Street Map, 2021; IBGE, 2010. Organizado por Igor Adriano Sufi.

Após ser palco da Guerra do Paraguai, na segunda metade do século XIX, a região passa a ter mais atenção dos investimentos nacionais em processos de colonização, especialmente por ser do interesse do Estado brasileiro a consolidação das fronteiras. Ainda em 1882, a cidade já ganha uma grande empresa, a Companhia Matte Laranjeira, que extraía e exportava a erva-mate (SILVA, 2012).

É a partir da década de 1940, porém, que as maiores mudanças acontecem. Isso porque a região é atingida pelas políticas de “integração nacional” do governo brasileiro, que tinham o objetivo de ocupar áreas consideradas “vazias”. Aumentam a partir destes estímulos, conseqüentemente, as oportunidades de negócio para os setores imobiliário e comercial, o que influencia também em um crescimento demográfico (SILVA, 2012; CALIXTO, 2003). Desta época se originam diversas indústrias que visam o beneficiamento dos produtos agrícolas, animais e florestais que já eram anteriormente obtidos (SILVA, 2012).

As décadas de 1950 e 1960 são marcadas pela falta de infraestrutura básica, como a de saneamento e rede elétrica adequados, por exemplo. Ainda, havia muita especulação imobiliária, muita presença de posseiros, o que insatisfazia a população, que à propósito crescia em ritmo acelerado. Ainda assim, Dourados/MS já passa a se destacar como um polo regional de comércio e de serviços, principalmente por conta deste aumento populacional, que também fazia crescer o mercado consumidor e, em consequência, a expansão das atividades econômicas (CALIXTO, 2003).

É na década de 1970, porém, que mais se intensificam os investimentos para inserir a região no circuito capitalista de produção, o que aconteceu por meio da criação de vias e investimento no setor de transportes, da ampliação da capacidade energética, das políticas de habitação, da modernização do campo etc. (SILVA, 2012). Neste momento, portanto, Dourados/MS se torna um forte expoente de um sistema agrícola tecnificado e com fortes ligações com a indústria, inserindo-se como um espaço especializado na produção de carne bovina e de grãos, atendendo não somente aos interesses regionais, mas também aos mercados nacional e internacional (CALIXTO, 2003).

Já nas próximas décadas, devido às transformações do período anterior, a cidade passa a ser conhecida como “Grande Dourados” e ampliam-se as atividades econômicas — com comércio e serviços mais diversos — assim como as atividades essenciais, como saúde e educação. Desta forma, a cidade de Dourados/MS:

[...] dinamiza-se, capitalizando recursos dos centros vizinhos, polarizando atividades, sobretudo aquelas ligadas ao consumo de bens e de serviços, consolidando o papel de destaque no contexto regional enquanto prestadora de serviços a este mercado consumidor (SILVA, 2012, p. 109-110).

Mais recentemente, já na década de 2000, surge o Shopping Avenida Center de Dourados — a partir de investimentos de empresários de Maringá/PR — fazendo com que a cidade experiencie uma forma diferenciada de consumo, o que segundo Romero (2016) vai reestruturar as centralidades no tecido urbano. O autor assim argumenta, ao evidenciar que após a implementação deste empreendimento, que as proximidades a ele também receberam novos setores comerciais e de serviços, como as concessionárias de carros novos, as agências bancárias, os hotéis, os restaurantes tidos como *gourmet* e os hipermercados, por exemplo.

Mesmo assim, é “[...] importante reforçar que a implantação do *shopping center* não retirou do centro comercial tradicional o status de principal área de concentração funcional e financeira da cidade” (ROMERO, 2016, p. 95). Whitacker (2017), neste mesmo sentido, comenta que em Dourados/MS ainda se configura um padrão monocêntrico, visto que existe um “[...] reforço da centralidade exercida pelo centro da cidade com a instalação de novos espaços de consumo, como [...] shopping centers e/ou hipermercados, notadamente em posição pericentral” (WHITACKER, 2017, p. 186).

Para além do centro tradicional, por fim, os trabalhos já existentes sobre as centralidades nesta cidade também evidenciam que algumas vias estão ganhando novos usos e novas importâncias, como são os casos da Rua Hayel Bon Faker, que passa a concentrar produtos industriais e agrícolas, além de ter muitas lojas de vendas de veículos, e da Avenida Weimar Gonçalves Torres, que passa a concentrar estabelecimentos para públicos específicos, como é o caso das butiques (ROMERO, 2016). Também se destaca, relativamente, a Avenida Presidente Vargas, que corta o município do lado Norte ao centro tradicional.

Entretanto, ao se analisar a entrevista realizada na Associação Comercial e Empresarial de Dourados (ACED) — que abarcou o Presidente da associação, o Secretário Municipal de Desenvolvimento e um ex-Secretário Municipal de Indústria Comércio e Turismo de Dourados/MS — por outro lado, é perceptível nas falas destes agentes econômicos e políticos uma visão de que a cidade já se encontra em um processo de descentralização:

Dourados descentralizou [...] vai chegar em um ponto que nem é Presidente Prudente, São Paulo mesmo, em que existem centros velhos [...] A cidade está expandindo nos quatro cantos e os bairros cresceram muito também [...] o comércio descentralizou e hoje Dourados está muito forte, está abastecido de atacarejos e de mercados, nós perdemos a característica de centro único, vai ser centro velho.

(Presidente da Associação Comercial e Empresarial de Dourados. Entrevista realizada por Hamilton Romero, pessoalmente, em maio de 2022).

Tais afirmativas, que comparecem em consonância com um discurso mesmo saudosista sobre o crescimento da cidade por meio de esforços da associação comercial, também continuam a evidenciar, assim como no caso de Maringá/PR, o

intuito dos agentes econômicos em desenvolver ações e planejar em conjunto com os agentes políticos da cidade, ou ainda que no futuro não seja mais necessário mesmo depender da esfera pública municipal para realizar ações determinantes na cidade. É interessante observar, ainda, que a cidade paranaense — no que tange especialmente seu processo de reestruturação produtiva, que culminou em novos papéis na rede urbana, assim como novas dinâmicas intraurbanas — é vista como exemplo a ser seguido por Dourados/MS:

[A ideia] não é entregar para o município, mas trabalhar em conjunto [...] Silvio Barros é o ex-prefeito de Maringá que está fazendo a mentoria hoje com o Alan [atual Prefeito Municipal de Dourados] e conseqüentemente para nós que estamos neste corpo aí. Ele tem trazido para nós expertises que Maringá passou nos últimos 25 anos, que foi quando ele atuou principalmente, e todas elas levaram Maringá a ser o que é hoje, um exemplo a ser seguido, uma das melhores cidades do Brasil para se viver, para se empreender e para se instaurar. A área industrial de Maringá deixou de ser objeto de doação, para você ter uma ideia, para ser disputada por empresas. Por quê? Por conta de uma política pública bem elaborada, em conjunto com a sociedade organizada, para atração. Essa é uma preocupação que é pertinente para o momento atual de Dourados, mas a visão de futuro é que nós não dependamos nem de Estado e nem do próprio município, que o próprio distrito industrial tenha sua força própria, que é o ideal.

(Secretário Municipal de Desenvolvimento. Entrevista realizada por Hamilton Romero, pessoalmente, em maio de 2022).

Para mais, o *shopping center* volta à pauta quando é discutida sua relevância para a consolidação de Dourados/MS como um polo regional, bem como os efeitos de sua chegada também no âmbito do intraurbano. Complementando o que é trazido por Romero (2016), o que é discutido é que o empreendimento não apenas alterou as dinâmicas de centralidade na cidade média, mas também o próprio caráter do comércio de rua local, que teria se “reinventado” a partir do estímulo de estar nas proximidades do Shopping Avenida Center e de outras grandes empresas que se instalaram em seu entorno:

O *shopping* realmente foi um marco aqui, o comércio de Dourados anteriormente ao *shopping* ele era ainda um comércio que tinha um perfil mais provinciano. Não havia uma certa cultura, por exemplo, de investir para dar uma outra cara para o empreendimento “loja”, as lojas no geral eram muito simples. Com a chegada do *shopping*, ele serve um pouco de referência para estimular o comerciante de rua a investir mais, a mudar um pouco o *layout* da loja, a aparência da loja, tentando

fazer com que a loja se aproxime mais desse padrão de *shopping*. Isso terminou repercutindo favoravelmente com o nosso comércio, mas acho que o impacto maior do *shopping* foi também alterar a configuração do centro da cidade, do comércio da área central, porque anteriormente ao *shopping* o comércio tinha uma delimitação muito acanhada, ficava mais concentrada ali em torno da Praça Antônio João, algumas quadras pra lá, algumas quadras pra cá, era um quadrilátero mais delimitado, com cara de cidade bem do interior, bem simples. [...] o *shopping* serviu como um atrativo que puxou, de certa forma, também o comércio para a sua vizinhança [...] você tem a abertura de agências bancárias, você tem a abertura de supermercados, a Havan quando decide vir para cá decide se instalar ali também, o supermercado Extra também ali naquela redondeza. [...] Hoje aquela área é praticamente um centro novo, melhor dizendo, é uma extensão do centro tradicional da cidade, que se ampliou enormemente [...] houve também uma elevação de padrão do comércio de rua.

(Professor universitário aposentado da UFGD e ex-Secretário Municipal de Indústria Comércio e Turismo de Dourados. Entrevista realizada por Hamilton Romero, pessoalmente, em maio de 2022).

Enfim, ao se abordar a possível vinda de um novo *shopping center* em Dourados/MS, desta vez fora do centro tradicional e próximo aos bairros de alto padrão da cidade — o que poderia significar a tendência de futuras novas reestruturações em relação às centralidades intraurbanas da cidade — compõem críticas às lógicas espaciais que influenciaram na localização do próprio Shopping Avenida Center, que teria se localizado em áreas menos “nobres”:

A localização do *shopping* talvez não tenha sido a mais apropriada, sobretudo quando nós pensamos no *shopping* atraindo esses empreendimentos de um padrão mais elevado [restaurantes *gourmet*]. Afirmo isso porque a área nobre da cidade está localizada da Avenida Marcelino Pires para o Norte, é aí onde se concentra a população de maior poder aquisitivo. Quando se discutiu a vinda deles [empreendedores de Maringá que trouxeram o empreendimento], eu tinha chamado atenção [...] a respeito disso, mas enfim, eles decidiram localizar ali, e ali tem outro agravante, é vizinho da rodoviária [...] eu penso que isso acabou cobrando um preço deles.

(Professor universitário aposentado da UFGD e ex-Secretário Municipal de Indústria Comércio e Turismo de Dourados. Entrevista realizada por Hamilton Romero, pessoalmente, em maio de 2022).

Ao debruçar-se sobre o que foi apresentado sobre as duas cidades médias que são o recorte deste estudo, percebe-se que: ambas possuem uma vasta influência no que tange as regiões das quais pertencem; nos dois casos os agentes econômicos mostram-se profundamente articulados com o Estado na produção do espaço urbano levando em conta os interesses hegemônicos; as referências levantadas apontam

que, para a consolidação destas cidades como centros regionais, os eventos que ocorreram na década de 1970 e os investimentos públicos no modal rodoviário foram chave.

Ademais, os diversos autores aqui destacados percebem e evidenciam, cada um à sua maneira, a reestruturação da cidade no decorrer do tempo nas duas conjunturas específicas, assim como mudanças também nas áreas centrais e em suas centralidades. Transformações que foram atreladas especialmente aos empreendimentos como *shopping centers* e hipermercados. Notoriamente, porém, existem particularidades tanto em Dourados/MS quanto em Maringá/PR no que diz respeito à aspectos como a abrangência e a complexidade que tais processos assumem em cada um dos recortes. Tais singularidades serão esmiuçadas no próximo capítulo.

5 INTERPRETAÇÕES SOBRE AS ÁREAS CENTRAIS NAS CIDADES MÉDIAS A PARTIR DA CONCENTRAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Este último capítulo tem como objetivo expor e analisar os principais resultados obtidos a partir da aplicação das metodologias e da interpretação dos dados tendo em mente as bases teóricas já apresentadas. A partir disso, foi subdividido em três subcapítulos: os dois primeiros tratam das áreas centrais indicadas pela presença de atividades econômicas — considerando tanto os mapeamentos de CNEFE-CNAE como dos dados de CNPJ — assim como discussões sobre a concentração locacional de setores específicos dentro do tecido urbano em cada uma das cidades estudadas; e o terceiro, que busca articular comparações entre os casos de Maringá/PR e Dourados/MS.

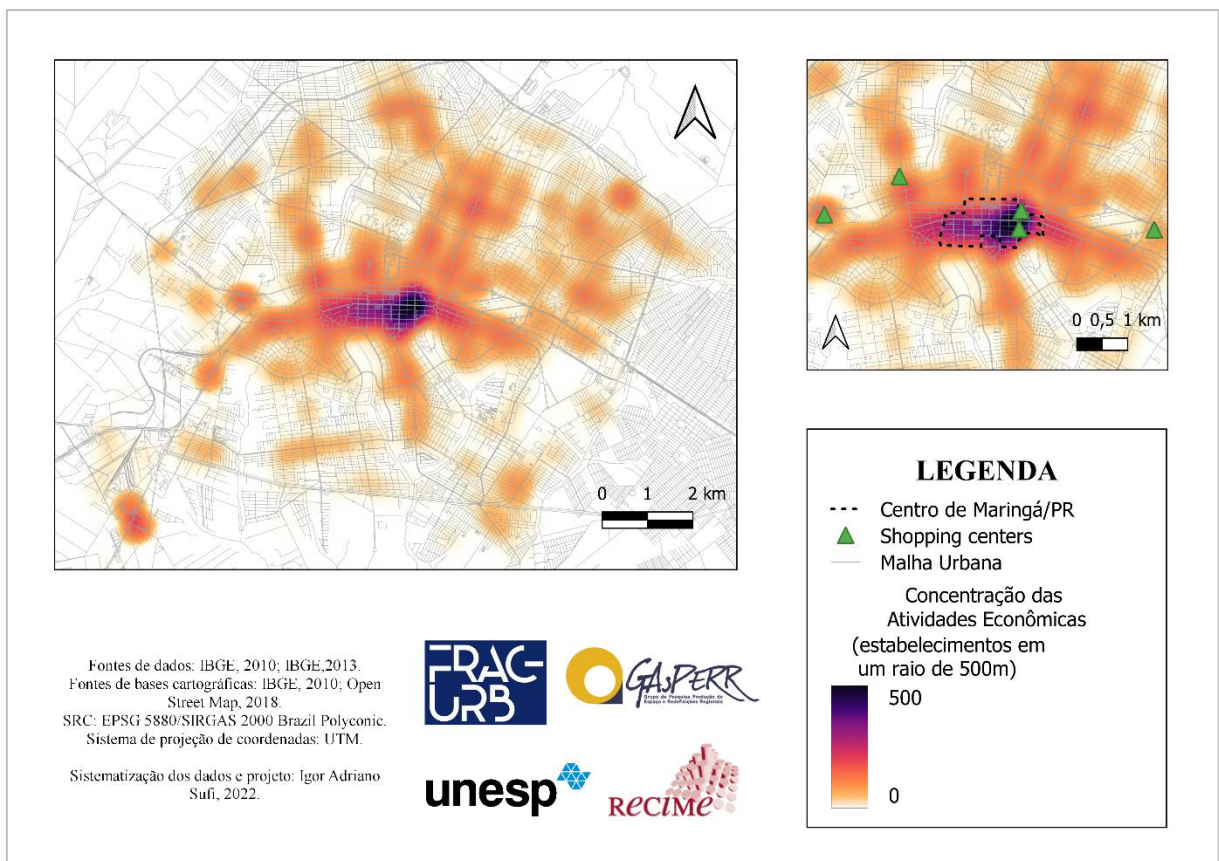
5.1 AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E AS ÁREAS CENTRAIS EM MARINGÁ/PR

Ao debruçar-se, afinal, sobre o produto cartográfico (Figura 3) e sobre as informações geradas ao comparar os endereços do CNEFE com as diretrizes da CNAE, evidencia-se no caso de Maringá/PR uma área central bem consolidada, mas com áreas de expansão do centro tradicional que se dispõem em eixos que o cortam, assim como já comentava Whitacker (2017). Além de algumas áreas que se colocam

como alternativas ao centro principal, mas que não são comparáveis em questão de complexidade, o que vai de acordo com o que propõe Silva (2008).

Ademais, também se confirma o fato de existirem áreas mais funcionalizadas e isoladas do restante do circuito econômico e, por conseguinte, das demais centralidades, conforme propunha Asalin (2014). Ainda, chama atenção o caráter mais horizontal, ao ter o mapa como referência, da forma como as áreas centrais se dispõem no tecido urbano da cidade.

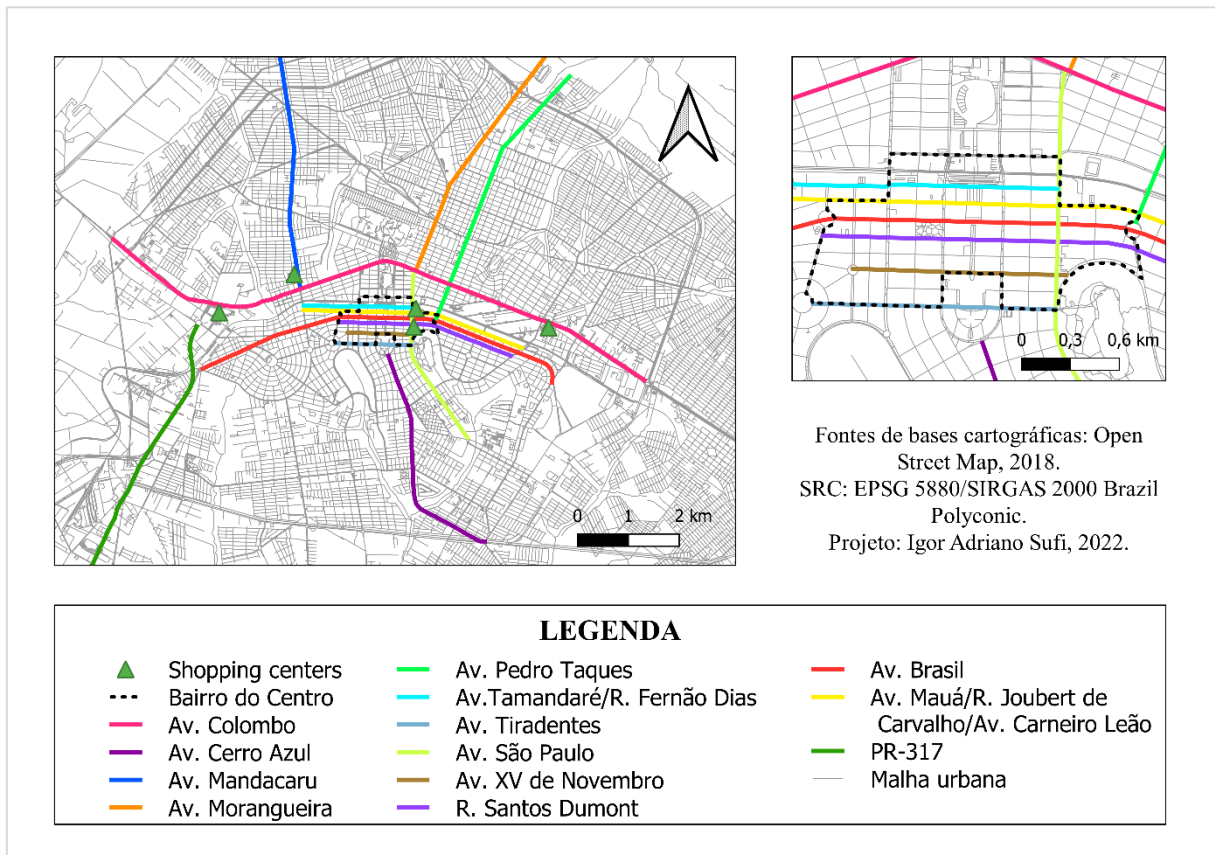
Figura 3: Mapa da concentração das atividades econômicas em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Destaca-se a existência de um eixo, o da Avenida Colombo, que exerce uma certa centralidade e, mesmo não sendo a principal, detém diversos núcleos de concentração de atividades econômicas, principalmente no que diz respeito aos shopping centers presentes, o Catuaí Shopping Maringá (inaugurado em 2010) e o Shopping Cidade Maringá (inaugurado em 2003). Esta via, assim como outras citadas no texto, são evidenciadas na Figura 4.

Figura 4: Principais vias em Maringá/PR citadas no texto



Elaborado pelo autor.

Também é uma tendência que pode ser observada, o fato de estes empreendimentos comerciais citados influenciarem no reforço de uma centralidade mais horizontalizada — novamente considerando o produto cartográfico como referência — e seguirem as vias que perpassam o centro tradicional, como propõe Whitacker (2017). Uma determinação em relação às lógicas que orientam a localização das atividades econômicas (CAMAGNI, 2005) que parece se destacar nas escolhas locais destes estabelecimentos é a de acessibilidade, visto que estão em uma via que “corta a cidade no meio” e dá acesso às avenidas secundárias, ou seja, é um eixo de muitos fluxos.

Apenas essa via — que cruza todo o tecido urbano no sentido Leste-Oeste — possui um total de 635 estabelecimentos, o que seria 3,94% em relação ao total de atividades econômicas encontradas em Maringá/PR (16.107 unidades). Todavia, por conta de sua extensão, nem todos os espaços em seu caminho apresentam uma

concentração alta de atividades econômicas, que é maior apenas onde estão os *shopping centers*, estes que possuem somados 205 estabelecimentos comerciais.

As observações de campo também permitem ponderar sobre áreas centrais que se destacam nas proximidades das centralidades exercidas pela Avenida Colombo e pelo centro principal, seguindo também uma tendência da horizontalidade. Estas áreas, apesar de não possuírem uma grande quantidade de estabelecimentos, destacam-se pela presença do Mercado de Maringá — um empreendimento que engloba uma grande quantidade de restaurantes — e de diversos hipermercados de grandes redes. Uma tendência perceptível neste caso é a da determinação da interação espacial (CAMAGNI, 2005) para as lógicas espaciais envolvidas nas localizações destes estabelecimentos, visto que estão próximos e interagem com uma grande e diversa concentração de atividades econômicas.

Já as principais áreas centrais de Maringá/PR possuem uma gama de estabelecimentos comerciais e de serviços que se concentram majoritariamente na Avenida Brasil, esta que sozinha possui cerca de 5% de todas as atividades econômicas encontradas na cidade. É uma centralidade predominante, mesmo porque chama a atenção a diferença na quantidade de atividades presentes em relação às vias próximas (Quadro 3) e que compõem essa área central.

É presente uma grande quantidade de lojas, principalmente quanto ao comércio varejista de roupas, calçados e bolsas, mas também de artigos para casa. Sobressai-se, porém, a existência de dois *shopping centers*, um deles o mais tradicional e com implementação mais antiga, o Shopping Avenida Center Maringá (inaugurado em 1989), e o outro com grifes de maior influência internacional, o Shopping Maringá Park (antes Aspen Park, de 1996, sendo reinaugurado em 2008 com nova denominação), ambos somando 316 atividades econômicas dos mais diversos tipos em seus espaços.

Ainda analisando as lógicas espaciais que guiam os agentes econômicos na conformação do tecido urbano de Maringá/PR, com base no que é observado nos resultados desta pesquisa, argumenta-se que a determinação proeminente para a localização dos estabelecimentos é a aglomeração (CAMAGNI, 2005), ou seja, a necessidade de estarem próximos às outras atividades econômicas que estão localizadas no centro da cidade e em suas proximidades.

Quadro 3: Estabelecimentos que exercem atividades econômicas em vias que se destacam pela centralidade em Maringá/PR

Via(s)	Nº de estabelecimentos	% em relação ao total	Destques com base na CNAE
Eixo Avenida Tamandaré/Rua Fernão Dias	38	0,24%	Comércio varejista de roupas, presentes; cabelereiros.
Eixo Avenida Mauá/Rua Joubert de Carvalho/Avenida Carneiro Leão	251	1,56%	Metalúrgicas; oficinas e borracharias; materiais de construção; artigos para casa; roupas; restaurantes.
Avenida Brasil	790	4,90%	Bancos; oficinas e lojas de equipamento automotivo; distribuidoras; comércio varejista muito variado, mas principalmente de roupas, calçados e artigos para casa; escritórios; restaurantes; consultórios.
Rua Santos Dumont	272	1,69%	Concessionárias; confecções; lojas de presentes, roupas e calçados; óticas; escritórios; cabelereiros; consultórios.
Avenida XV de Novembro	88	0,55%	Administração pública; imobiliárias; escritórios.
Avenida Tiradentes	76	0,47%	Restaurantes; lojas de artigos para casa e presentes; consultórios.
Avenida São Paulo (verticalmente no mapa)	417	2,59%	Dois <i>shopping centers</i> , também com entradas voltadas para as Avenidas Mauá e Brasil, além da Rua Santos Dumont.

Fonte: IBGE (2002, 2012).

Voltando aos grandes centros de compra, tanto os presentes no centro principal quanto os que se instalam fora dele, os dados levantados pela Associação Brasileira de Shopping Centers destacam que são muito diversificados em relação ao público que atendem, com um deles recebendo majoritariamente a Classe A, dois

deles a Classe B e dois deles a Classe C⁶ (ABRASCE, 2021). Isso mostra que além de proporcionarem uma grande centralidade, tais áreas centrais se tornam muito ricas em diversidade e em abrangência de consumidores.

No caso de Maringá/PR, não é possível ignorar a proeminência do comércio atacadista que, por sua vez, concentra-se às margens da PR-317, via que possui uma quantidade de 453 estabelecimentos que exercem atividades econômicas, sendo majoritariamente contidos nos *shopping centers* atacadistas (Shopping Avenida Fashion, Shopping Vest Sul e Paraná Moda Park), que sozinhos possuem 327 lojas de confecções.

Esta informação já ilustra bem o que pode ser visto no mapa, pois mesmo com uma razoável quantidade de estabelecimentos industriais e postos de gasolina também se instalando nas margens da rodovia segundo as análises com base na CNAE, estes estão bem distribuídos, não gerando tanta atratividade para um mesmo local assim como geram os centros comerciais do atacado. Portanto, confirmam-se as afirmações de Asalin (2014) quando argumenta que este setor é isolado das demais centralidades urbanas de Maringá/PR. As lógicas espaciais neste caso voltam a se estabelecer tendo como destaque a determinação da acessibilidade (CAMAGNI, 2005), visto que tais estabelecimentos prezam pela proximidade com uma via que traz consumidores de fora da cidade de Maringá/PR, estes que são seu público-alvo.

Ainda examinando o mapeamento dos dados CNEFE-CNAE, são nítidas algumas linhas que se originam nas áreas centrais e, como raízes, aprofundam-se no tecido urbano em direção às bordas periféricas da cidade em alguns eixos: um que vai em direção ao sul da cidade, seguindo a Avenida Cerro Azul; dois outros orientados ao norte/nordeste, seguindo o rumo das Avenidas Morangueira e Pedro Taques; o último, por fim, que tende ao norte/noroeste de Maringá, percorrendo o caminho da Avenida Mandacaru.

Suas principais atividades econômicas em destaque segundo a CNAE, além da quantidade de estabelecimentos presentes de acordo com o CNEFE, encontram-se detalhadas no Quadro 4. Apesar de não possuírem uma centralidade tamanha a das Avenidas Brasil e Colombo, por exemplo, estas vias concentram uma razoável quantidade de atividades econômicas desenvolvidas em seus espaços. Já o produto

⁶ O levantamento feito pela Associação Brasileira de Shopping Centers, porém, não evidencia as faixas de renda que correspondem a cada classe socioeconômica classificada.

cartográfico, no que lhe diz respeito, mostra que tais vias possuem mais concentração de estabelecimentos econômicos do que muitos dos trechos da própria Avenida Colombo.

Quadro 4: Estabelecimentos com atividades econômicas em vias que se destacam por ser uma extensão da centralidade tradicional em Maringá/PR

Via	Nº de estabelecimentos	% em relação ao total	Destques com base na CNAE
Avenida Cerro Azul	234	1,45%	Confecções; distribuidoras; lojas de artigos para casa e estabelecimentos de manutenção; restaurantes; escritórios; consultórios; cabelereiros.
Avenida Morangueira	338	2,10%	Concessionárias; oficinas e lojas de artigos automotivos; metalúrgicas; postos de combustível; materiais de construção.
Avenida Pedro Taques	427	2,65%	Concessionárias; oficinas e lojas de artigos automotivos; supermercados e conveniências; farmácias; artigos para casa e materiais de construção; consultórios.
Avenida Mandacaru	361	2,24%	Confecções; madeireiras; concessionárias e lojas de artigos automotivos; supermercados; <i>pet shops</i> ; roupas; escritórios; delegacias; cabelereiros; consultórios; pequeno <i>shopping center</i> .

Fonte: IBGE (2002, 2012).

A reclassificação segundo à CNAE contribui dizendo que, apesar da diversidade destas atividades, destacam-se as concessionárias, as oficinas, as lojas de artigos para veículos, as confecções de roupas, as metalúrgicas, os escritórios e os consultórios, além da presença do quinto e último *shopping center* em Maringá/PR, o Shopping Mandacaru Boulevard. Tais informações permitem uma reflexão sobre as áreas de expansão do centro principal não serem apenas por meio de zonas, como dá a entender Silva (2008), mas também por meio de eixos que possuem certa centralidade e atratividade.

Argumenta-se, porém, que a determinação que se mostra mais presente para a localização de tais estabelecimentos (CAMAGNI, 2005) não é a de competitividade, visto que estes eixos possuem relações estreitas com o centro principal e tendem, como argumenta Silva (2010), a reforçar suas centralidades e possibilidades de expansão. Tendo isso em mente, apontam-se as interações espaciais que são possibilitadas pela proximidade com o centro — assim como a acessibilidade proporcionada pelas vias que são mediadoras de diversos fluxos — como as principais determinantes para as lógicas espaciais dos agentes econômicos que localizam-se nestas áreas.

Já os dados de CNPJ mapeados em série histórica entre os anos de 1990 até o ano de 2021 (Figura 5), mostram que ao mesmo tempo que com o passar das décadas o centro tradicional da cidade de Maringá/PR reforçou sua centralidade — o que vai ao encontro do que Silva (2008) argumenta sobre estes espaços terem sido focos dos principais investimentos públicos e privados na cidade — também outros eixos e áreas importantes se consolidaram.

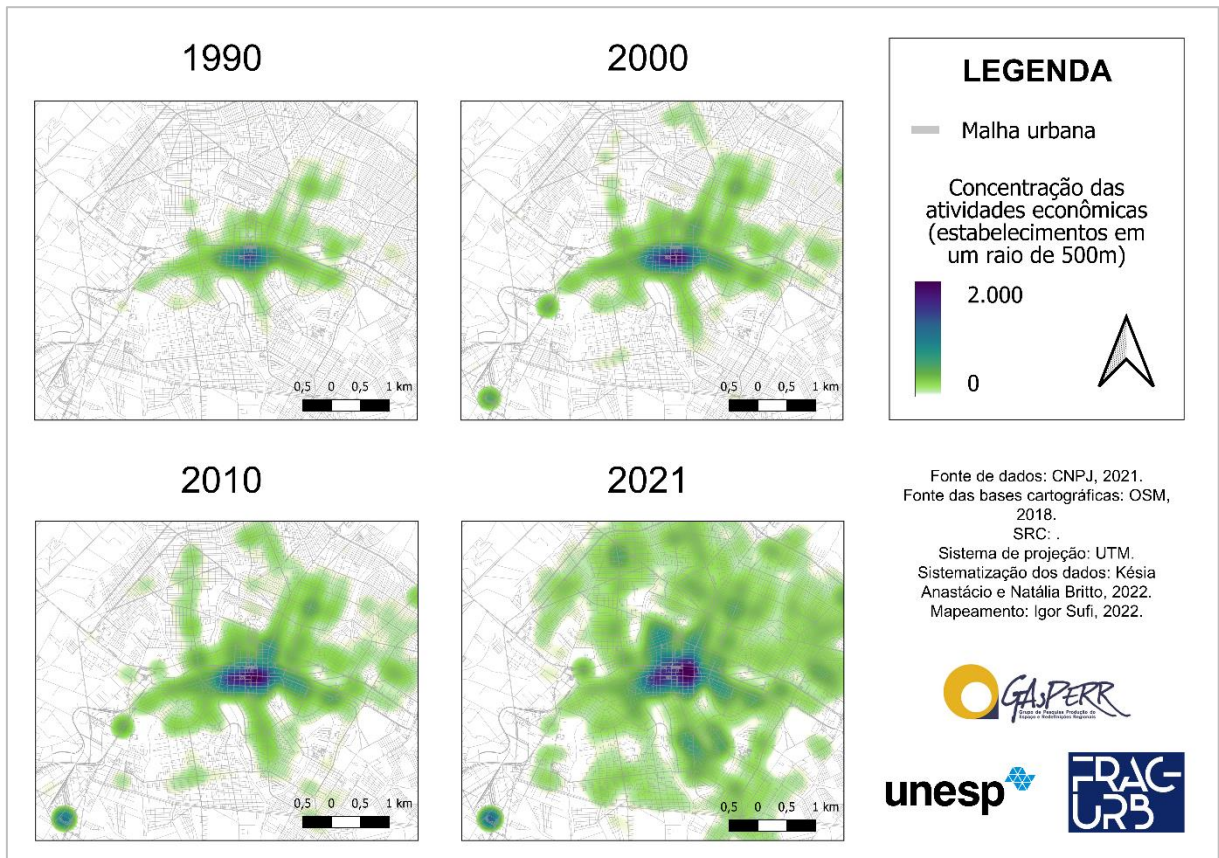
Já ao considerar o balanço das aberturas e fechamentos de CNPJ até o ano de 1990 como indícios de como estão estruturadas as formas urbanas, percebe-se que o centro principal de Maringá/PR já se mostrava bem consolidado como notável expressão de centralidade — inclusive já contando com dois *shopping centers* instalados — sem muita competição com outras áreas, sendo que os poucos eixos que se destacam são de acesso a ele. Essa realidade começa a se alterar, porém, entre as décadas de 2000 e 2010, nas quais estas vias de acesso passam a ganhar mais expressão, mesmo que tenham na verdade também contribuído com a manutenção e a expansão do centro principal (SILVA, 2008).

Outra periodização importante que é perceptível no produto cartográfico é o surgimento e a consolidação do polo atacadista de confecções da cidade de Maringá/PR, que acontece também entre os anos de 2000 e 2010. Nas mesmas décadas é que a Avenida Mandacaru passa a ganhar destaque em relação às atividades econômicas que concentra.

Por fim, os registros de concentração do recorte entre 2010 e 2021 evidenciam que a tendência que muitos autores já identificaram ainda é predominante. Ou seja, existem novas áreas centrais em Maringá/PR, mas que não necessariamente competem com o centro tradicional — que chega a concentrar cerca de 2000 atividades econômicas em um raio de 500m — apenas o complementando. De

qualquer forma, analisando a série histórica como um todo, é notória uma maior penetração das atividades econômicas no tecido urbano, especialmente em direção à periferia geométrica da cidade.

Figura 5: Mapa da concentração de CNPJ ativos e em baixa durante os anos de 1990, 2000, 2010 e 2021 na cidade média de Maringá/PR

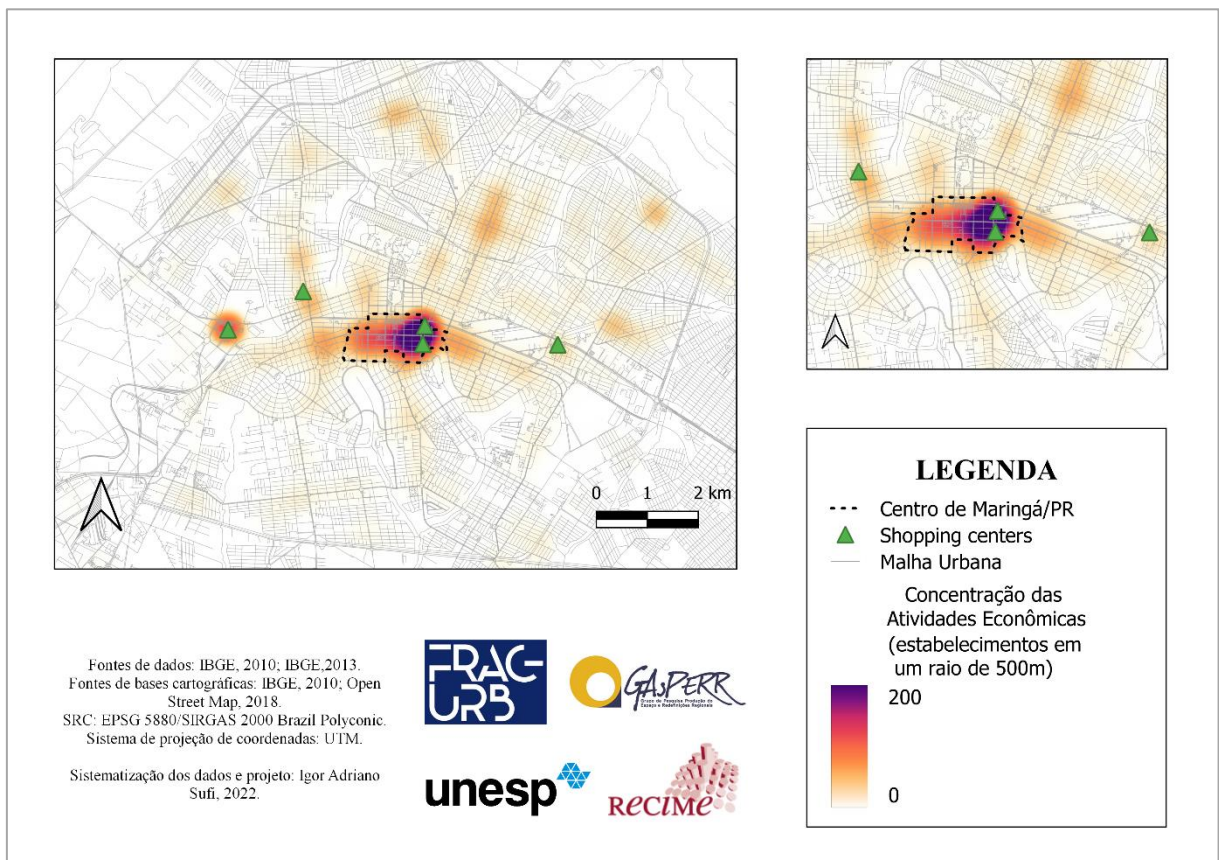


Fonte: CNPJ, 2021. Elaborado pelo autor. Base de dados: Késia Anastácio e Natália Britto, 2022.

5.1.1 O comércio varejista em Maringá/PR

Ao debruçar-se nos dados relativos apenas ao recorte do setor do comércio varejista em Maringá/PR, o mapa de concentração específico destas atividades econômicas segundo o CNEFE-CNAE (Figura 6), evidencia que são poucos os espaços no tecido urbano da cidade que se comparam ao centro tradicional (e suas áreas de expansão) em relação à aglomeração de lojas dos mais diversos tipos: variedades, alimentos, materiais de construção, equipamentos de uso doméstico, artigos eletrônicos e informáticos, artigos culturais e esportivos, farmácias, lojas de cosméticos e perfumarias, de roupas, de calçados, de bijuterias, de usados etc.

Figura 6: Mapa da concentração do comércio varejista em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Ainda neste sentido, cabe destacar a relevância dos dois *shopping centers* presentes no centro:

- O Shopping Avenida Center, que tem uma de suas entradas de frente para uma das principais avenidas da cidade, ficando muito perto dos comércios e serviços do centro, principalmente quanto ao varejo de sapatos e de roupas que se destaca nos arredores. É caracterizado por ser um shopping tradicional, no estilo americano, como todos os demais da cidade, possuindo dois andares e sendo bem consolidado. Existem duas praças de alimentação, mas com o setor também distribuído por todo o local, a partir de quiosques bem espalhados. A loja de departamentos Havan é a única que possui uma localização mais privilegiada, possuindo dois andares, ficando perto de uma das entradas e não tendo muita concorrência de outras lojas. Em campo, foi observado

que diversas lojas não vendiam produtos que demandavam grande poder de compra e apenas algumas “de luxo”, bem distribuídas.

- O Shopping Maringá Park, no qual a localização do espaço é bem privilegiada, no centro da cidade e perto de diversos comércios e serviços, com destaque para uma unidade das Lojas Americanas bem ao lado. Possui quatro andares, tendo, porém, uma metragem total menor que a do Shopping Avenida Center, e divergindo também ao possuir, por sua vez, muitas lojas de alto padrão, como grifes internacionais, mesmo que possua algumas mais acessíveis a todo poder de compra. É perceptível, neste sentido, uma espacialização bem definida: o primeiro andar do subsolo com algumas poucas lojas; o primeiro andar com bancos e com uma joalheria, e, por conta disso, com muitos seguros; segundo andar com lojas mais acessíveis; terceiro andar com a maior parte das lojas de alto padrão, principalmente no varejo de calçados e roupas e, por fim, no quarto andar a predominância de lazer, com um cinema, e alimentação.

No entorno destes empreendimentos, porém, está também uma grande concentração de atividades comerciais varejistas extremamente diversificadas, que vão desde hipermercados (Cidade Canção, Condor e Super Muffato, por exemplo), até grandes redes de lojas de eletrodomésticos e departamentos (Casas Bahia, Pernambucanas, Magazine Luiza, Americanas etc.), galerias comerciais muito fortes (Shopping CIC HM e Shopping Center Brasil, por exemplo), farmácias de grandes redes etc. Imagens que evidenciam o que foi discutido estão presentes nas Figuras 7 e 8.

Ainda, é importante destacar a presença de três outros *shopping centers*, estes que são mais recentes, sendo instalados em vias que ligam ao centro principal:

- O Catuaí Shopping Maringá, que diferentemente dos outros empreendimentos visitados se encontra em um local bem mais afastado, a Oeste do centro, em direção à área predominantemente industrial da cidade. Nos arredores existem apenas alguns poucos estabelecimentos e, já que é um local isolado, o acesso fica mais difícil para quem não possui um automóvel. Possui apenas um andar, mas com a maior metragem entre os *shoppings* da cidade, tanto que possui corredores

mais largos e com áreas de lazer mais presentes e amplas. O que foi observado em campo é que possui apenas alguns corredores com predominância de grifes estrangeiras e um local separado para a praça de alimentação, que atraía muitas pessoas, ao contrário dos demais setores.

- O Shopping Cidade Maringá, um estabelecimento que fica, assim como o anterior, em um espaço bem mais afastado do centro, desta vez na direção Leste da cidade, com proximidade apenas de alguns poucos comércios, ainda, porém, na movimentada Av. Colombo. A visita permitiu observar que o espaço se dividia em dois andares, mas com o primeiro como principal e maior e o segundo menor, possuindo apenas um restaurante que se destacava da praça de alimentação. As lojas eram bem mais acessíveis que nos demais *shoppings*, com produtos mais baratos, trazendo um público diverso, visto que os preços possibilitavam a vinda de vários tipos de poderes de compra. Ainda, percebeu-se que o estabelecimento, tendo como base o trabalho de campo realizado em 2020, que o espaço ainda não era consolidado, uma vez que existiam corredores inteiros de salas comerciais vagas.
- O Shopping Mandacaru Boulevard, que se localiza na Av. Mandacaru, ainda que bem próximo à Av. Colombo. Desta forma, nos arredores do empreendimento se concentram outros comércios e serviços (Figura 9), com destaque para lojas de roupas e sapatos, e para restaurantes. Este estabelecimento não possui tantas lojas quanto os outros da cidade, com a unidade das Lojas Americanas sendo a maior loja em extensão e a mais movimentada. O primeiro andar possui algumas poucas franquias de redes nacionais (O Boticário, por exemplo), mas predominam lojas locais ou regionais, como barbearias e varejo de roupas e sapatos. O segundo andar, por sua vez, é destinado apenas para alimentação e lazer, com poucos restaurantes e nenhum de franquias de expressão nacional e/ou internacional.

Figura 7: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Maringá/PR: presença de grandes redes



Elaborado pelo autor.

Figura 8: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Maringá/PR



Elaborado pelo autor.

Figura 9: Grade de fotografias que representam o comércio varejista na Avenida Mandacaru



Elaborado pelo autor.

O que se pondera sobre as lógicas espaciais dos agentes econômicos especialmente em relação às determinações (CAMAGNI, 2005) que levaram à localização dos *shopping centers* é que nos casos dos primeiros *shopping centers* implementados, ainda no centro tradicional de Maringá/PR, prezou-se pela aglomeração, pela proximidade com outras tantas atividades varejistas já na área centro. Com a instalação de novos empreendimentos do tipo em vias importantes da cidade, argumenta-se que foram priorizadas as determinações da acessibilidade dos consumidores de interesse, assim como a interação espacial com áreas já tidas como centrais.

Por fim, destaca-se outra via, a Av. Cerro Azul que, mesmo não evidenciada no mapa, mostra a principal concentração de atividades deste tipo quando se pensa no lado Sul da cidade. Estes espaços, retratados na Figura 10, apresentam um comércio e serviços muito diversificados — com destaque, porém, para restaurantes e lanchonetes, além de farmácias de grandes redes (Nissei e São Paulo, por exemplo) — circundados por unidades bancárias (Sicoob, Bradesco, Caixa, Itaú etc.), áreas de lazer e espaços residenciais.

Figura 10: Grade de fotografias que representam o comércio varejista na Avenida Cerro Azul



Elaborado pelo autor.

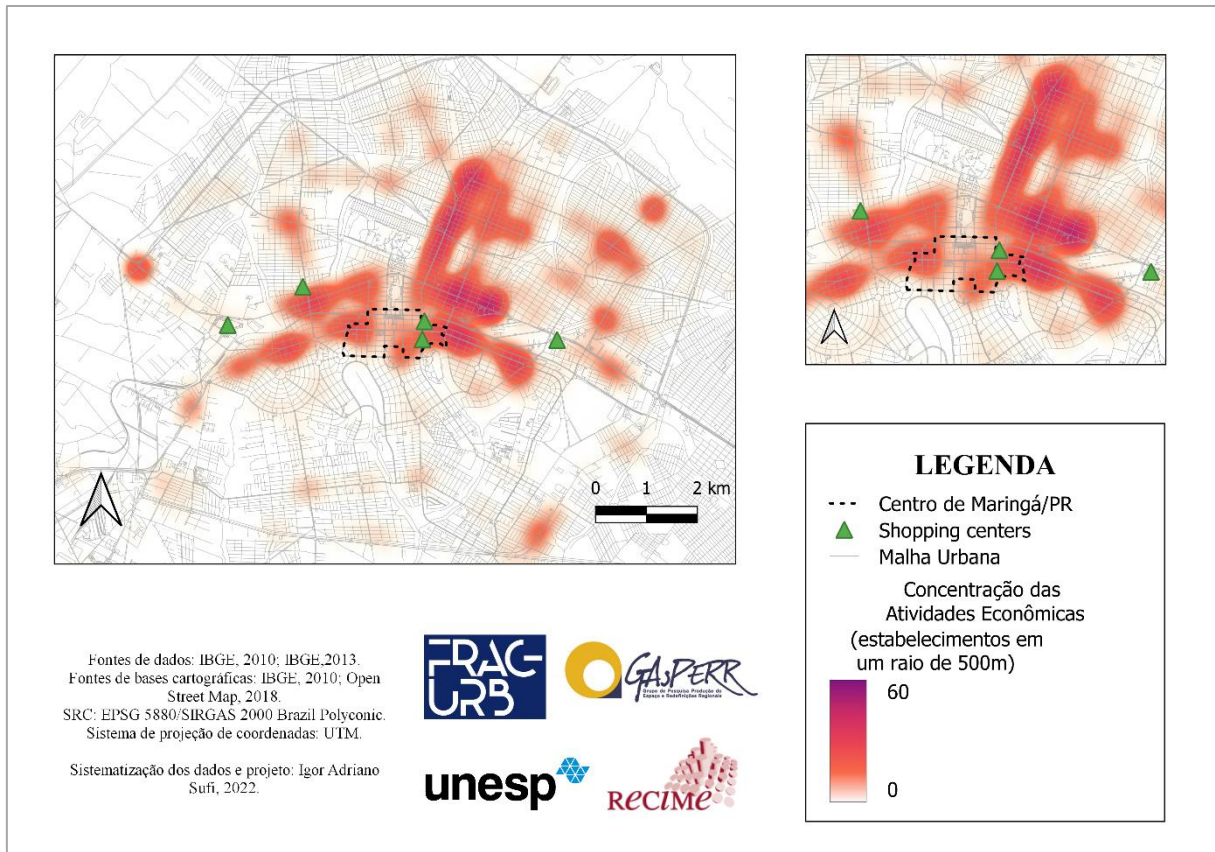
5.1.2 O comércio e a reparação de veículos automotores e motocicletas em Maringá/PR

Ao ter em mente, por sua vez, o mapeamento (Figura 11) relativo à concentração do comércio de veículos automotores (carros, motos, caminhões e similares), assim como estabelecimentos que vendem autopeças ou que prestam serviços para este setor (como lava-rápidos, oficinas e borracharias por exemplo), é possível perceber a proeminência de certas vias que certamente apresentam especializações funcionais relacionadas a este setor.

A primeira delas é a Av. Colombo, que, como já trabalhado anteriormente, é uma via que corta toda a cidade de Maringá/PR e está interligada com os principais acessos ao interurbano — ou seja, tende a ter um tráfego extremamente movimentado durante o dia, o que foi corroborado em observações em trabalho de campo. Desta forma, argumenta-se que as estratégias locais que determinam a presença de tais estabelecimentos (exemplificados na Figura 12) reflitam a acessibilidade em

relação aos possíveis consumidores, assim como a aglomeração com atividades do mesmo tipo (CAMAGNI, 2005).

Figura 11: Mapa da concentração do comércio e da manutenção de veículos em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Outras duas interessantes concentrações de atividades neste setor se formam em vias que dão acesso à Av. Colombo e que estão no lado Norte da cidade: Av. Morangureira e Av. Pedro Taques. Em ambos os casos, estes estabelecimentos concentrados — exemplificados nas Figuras 13 e 14, respectivamente — convivem também com um comércio varejista bem diversificado, assim como espaços de lazer, especialmente nas proximidades com a Av. Colombo, sendo que nos trechos mais ao Norte é que realmente existe uma predominância indiscutível.

Tendo esta discussão como pressuposto, argumenta-se que as determinações para a instalação de tais atividades econômicas nestas vias e trechos específicos sejam principalmente a aglomeração conjuntamente com atividades do mesmo tipo, assim como a interação espacial com áreas de mais centralidade e a

acessibilidade dos consumidores, especialmente por se tratarem de eixos que ligam ao centro tradicional.

Figura 12: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Colombo



Elaborado pelo autor.

Figura 13: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Moranguieira



Elaborado pelo autor.

Figura 14: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Pedro Taques



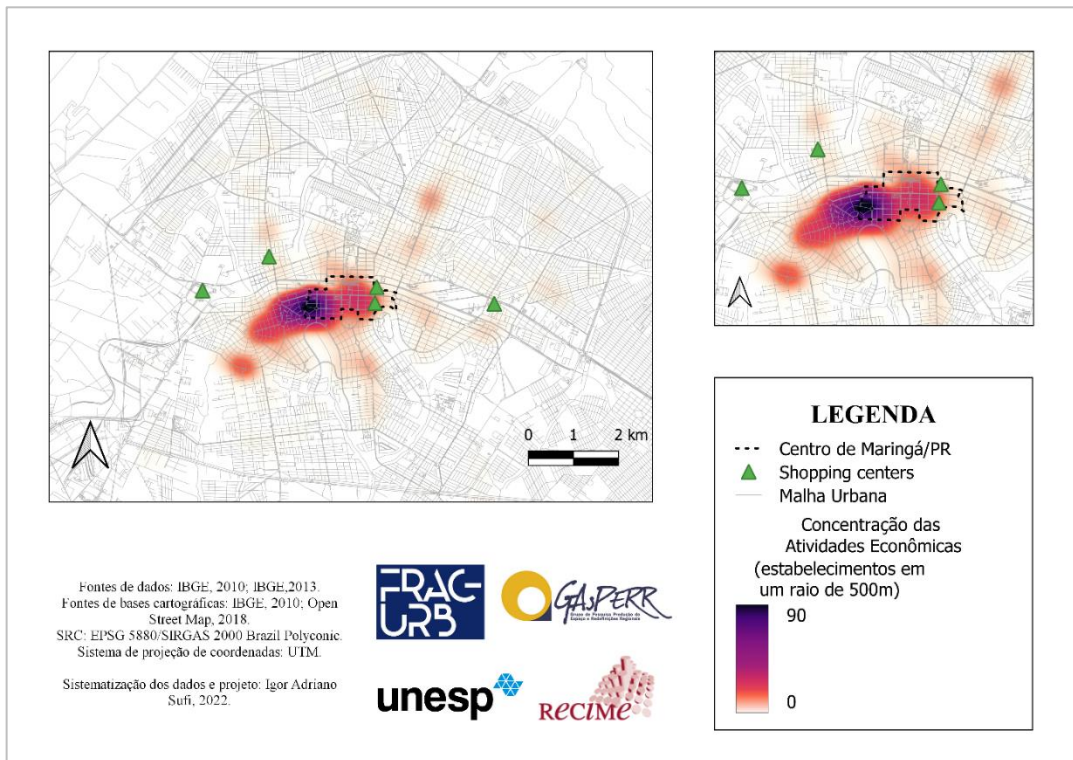
Elaborado pelo autor.

5.1.3 As atividades de atenção à saúde humana em Maringá/PR

Findando as análises específicas sobre a especialização de alguns setores na cidade de Maringá/PR, traz-se a contribuição do mapeamento da concentração das atividades de atenção à saúde humana no tecido urbano da cidade (Figura 15), estas que se localizam majoritariamente a Oeste do centro tradicional. Mesmo que se considerem dados referentes ao ano de 2010, os trabalhos de campo comprovaram a presença destes estabelecimentos (exemplificados na Figura 16), que tomam formas de hospitais, clínicas especializadas, consultórios particulares de médicos, dentistas, fisioterapeutas etc.

Com base nestas características, pondera-se que a principal determinação para a escolha locacional destas atividades econômicas específicas (CAMAGNI, 2005) seja a aglomeração em relação aos estabelecimentos do mesmo tipo ou do mesmo interesse dos consumidores (como é o caso de farmácias nas proximidades, por exemplo). Além disso, a interação espacial com o centro tradicional e seu forte comércio varejista pode ser um outro fator determinante.

Figura 15: Mapa da concentração das atividades voltadas à saúde humana em Maringá/PR no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Figura 16: Grade de fotografias que representam a concentração de atividades voltadas à saúde humana em Maringá/PR

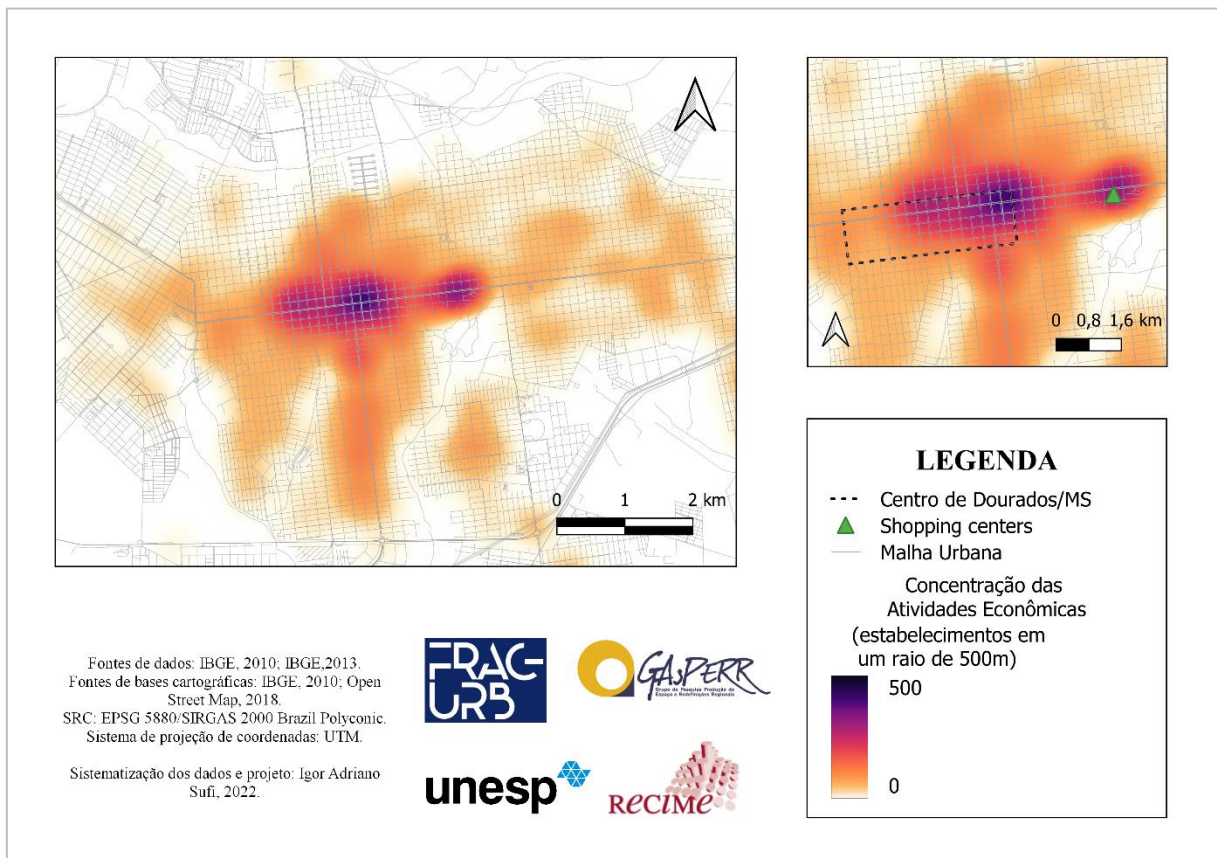


Elaborado pelo autor.

5.2 AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E AS ÁREAS CENTRAIS EM DOURADOS/MS

Já quanto à Dourados/MS, os dados levantados — que proporcionaram o mapeamento da concentração das atividades econômicas na cidade (Figura 17) e se tornaram um dos possíveis indicadores das centralidades urbanas — contribuem com o que Romero (2016) e Whitacker (2017) propuseram em seus trabalhos ao afirmarem que existiam novos empreendimentos que dinamizavam o centro tradicional da cidade, porém sem necessariamente competir contra ou contrapor sua influência, apenas a complementando.

Figura 17: Mapa da concentração das atividades econômicas em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

No mapa produzido a partir dos dados CNEFE (IBGE, 2012) é perceptível que existem duas manchas de maior concentração de atividades econômicas, uma mais próxima ao centro tradicional e outra mais próxima ao Shopping Avenida Center de

Dourados. Esta segunda constatação vai ao encontro, novamente, do que propõe Romero (2016) ao considerar que este empreendimento comercial também influenciou — ou “valorizou” — as redondezas das quais foi instalado. Ou seja, neste caso é possível argumentar que o fator de interação espacial (CAMAGNI, 2005) com essa nova organização econômica foi determinante para que fossem adotadas ações de renovação do centro tradicional.

Outra observação que a produção cartográfica permite é a da pouca concentração de atividades econômicas fora da área central, esta que é efetivamente bem delimitada, possuindo um caráter deveras tradicional. Ainda, os dados CNEFE-CNAE (Quadro 5) contribuem com estas constatações ao evidenciarem que apenas algumas das ruas do centro — a Avenida Marcelino Pires, com a maior concentração de atividades, além quatro vias com a mesma orientação (Leste-Oeste), duas ao Norte e duas ao Sul — concentram em torno de 20% de todos os estabelecimentos econômicos da cidade. Essa e demais vias citadas da cidade são evidenciadas na Figura 18.

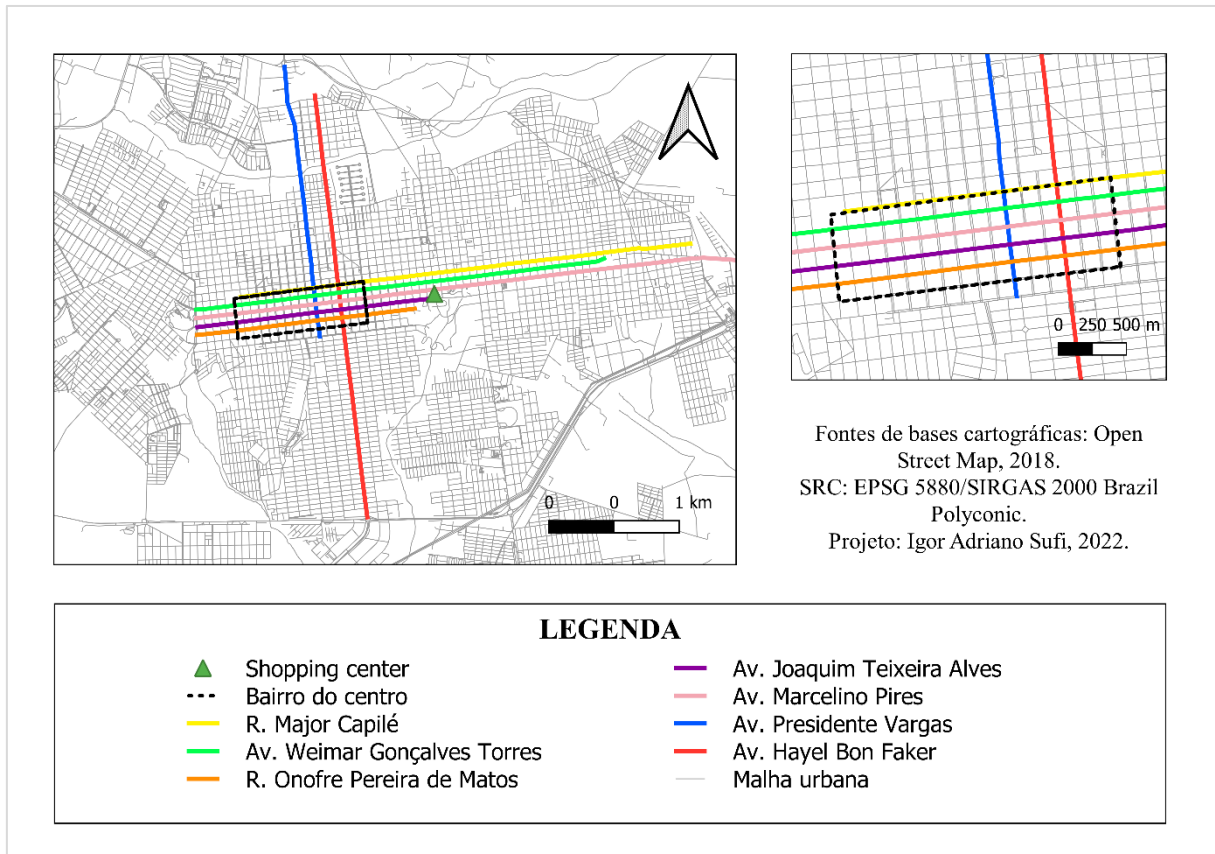
Quadro 5: Vias que se destacam pelo número de estabelecimentos em Dourados/MS

Via	Nº de estabelecimentos	% em relação ao total	Destaques com base na CNAE
Av. Marcelino Pires	730	8,43%	Lojas de roupas e acessórios; postos de combustível; oficinas; escritórios; restaurantes e lanchonetes; shopping center.
Av. Joaquim Teixeira Alves	297	3,42%	Escritórios; lojas de roupa; salões de beleza; bancos; oficinas.
R. Onofre Pereira de Matos	115	1,32%	Escritórios; bares e restaurantes;
Av. Weimar Gonçalves Torres	447	5,16%	Restaurantes; lojas de roupas e acessórios; escritórios; bancos; oficinas.
R. Major Capilé	130	1,5%	Consultórios médicos; escritórios; salões de beleza; lojas variadas.

R. Hayel Bon Faker (fora do centro)	382	4,41%	Concessionárias; acessórios para carros; borracharias e oficinas; consultórios médicos; lojas de materiais para construção etc.
-------------------------------------	-----	-------	---

Fonte: IBGE (2002, 2012).

Figura 18: Principais vias em Dourados/MS citadas no texto



Elaborado pelo autor.

O que se percebe, é que de fato a Avenida Weimar Gonçalves Torres possui uma quantidade de estabelecimentos muito expressiva (ROMERO, 2016) — aproximadamente 5% do total de estabelecimentos da cidade — porém, não ao ponto de destacar-se como novo um eixo de centralidade em Dourados/MS, principalmente por conta de sua relação com o e participação no centro tradicional. Para mais, tendo em mente o que Camagni (2005) propõe, as determinações em relação às lógicas espaciais dos agentes econômicos que parecem mais se destacar são a aglomeração e a interação espacial, visto que ao mesmo tempo que se preza por estar em áreas

que concentram muitas atividades, também se procura estar próximo do que já era tido como central.

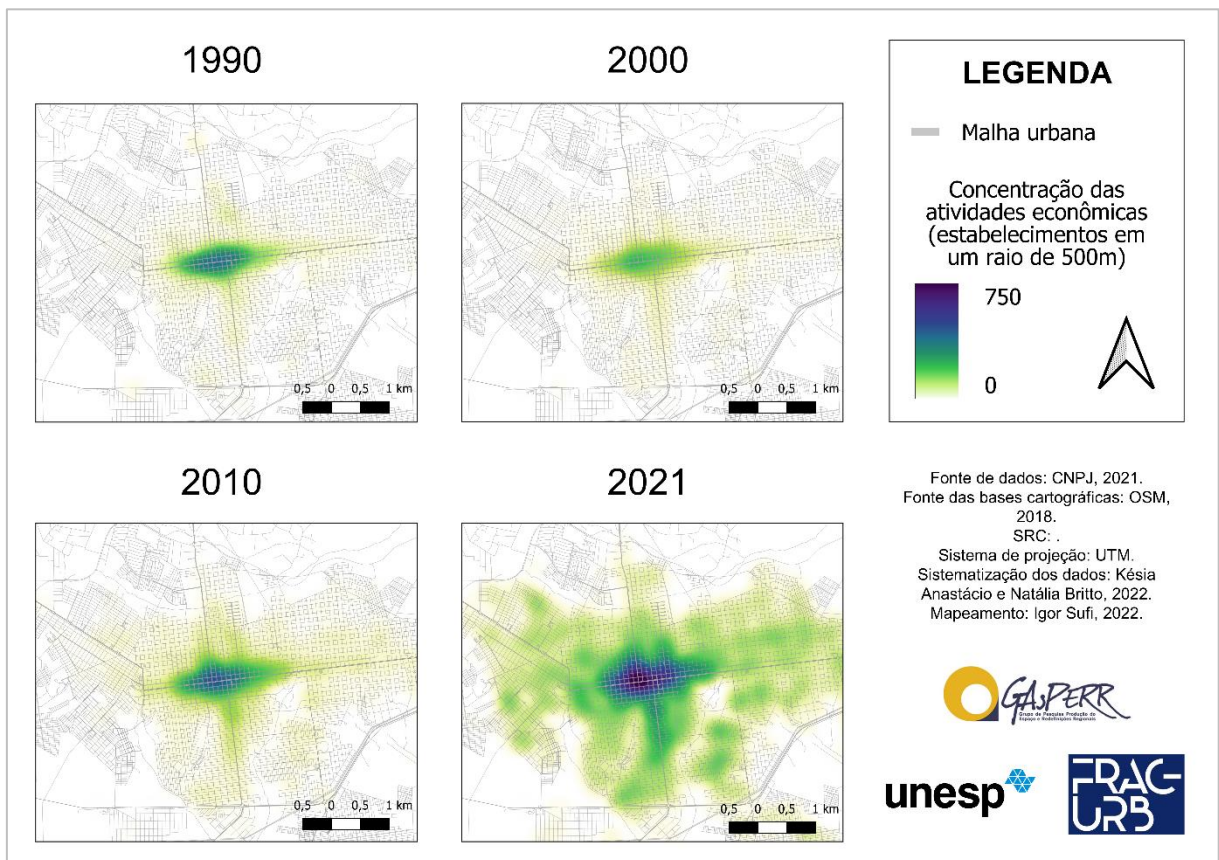
Já quanto à Rua Hayel Bon Faker — passando pela cidade em seu lado sul, em um eixo “norte-sul” — evidencia-se também o que diz Romero (2016) ao apontar a via como um recente eixo de centralidade que vinha se desenvolvendo na cidade média sul-mato-grossense. Isso porque concentra cerca de 4,5% das atividades econômicas levantadas em Dourados/MS (que totalizam 8.659 estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços), principalmente no que diz respeito aos espaços que desenvolvem funções ligadas à venda e manutenção de automotores. O mapeamento feito a partir dos dados da CNEFE, inclusive, torna possível afirmar que esta via é o único expoente expressivo de centralidade, considerando o indicador econômico, além das áreas centrais mais bem definidas da cidade.

Tendo em vista o tipo de atividades econômicas presentes (novamente no Quadro 5) na Rua Hayel Bon Faker, propõe-se que as principais determinantes em relação às lógicas espaciais por trás da instalação destes estabelecimentos nestas áreas sejam a aglomeração e a acessibilidade (CAMAGNI, 2005), porque prezam pela proximidade com outras atividades do mesmo setor, mas também por se instalarem em um eixo que tem contato tanto com o centro quanto com duas rodovias federais.

Por fim, considerando os balanços dos dados de CNPJ até 1990 e, posteriormente, até o ano 2000 (Figura 19), é perceptível a já comentada centralidade tradicional em Dourados/MS, visto que nenhuma outra área da cidade demonstra uma concentração de atividades econômicas razoável. Apenas no recorte dos dados entre 2000 e 2010 é que é perceptível uma certa expansão deste centro principal, já após a instalação do Shopping Avenida Center de Dourados (inaugurado em 2006), especialmente em direção às vias de acesso, como é o caso da própria Avenida Marcelino Pires e da Avenida Hayel Bon Faker.

Para mais, o período entre 2010 e 2021 se mostra — assim como também já evidenciado em Maringá/PR — o de maior espalhamento das atividades econômicas no tecido urbano da cidade de Dourados/MS, ao mesmo tempo em que o centro principal aparenta se fortalecer como área central, visto que possui uma concentração ainda maior de atividades econômicas (chegando a cerca de 750 unidades em um raio de 500m).

Figura 19: Mapa da concentração de CNPJ ativos e em baixa durante os anos de 1990, 2000, 2010 e 2021 na cidade média de Dourados/MS



Fonte: CNPJ, 2021. Elaborado pelo autor. Base de dados: Késia Anastácio e Natália Britto, 2022.

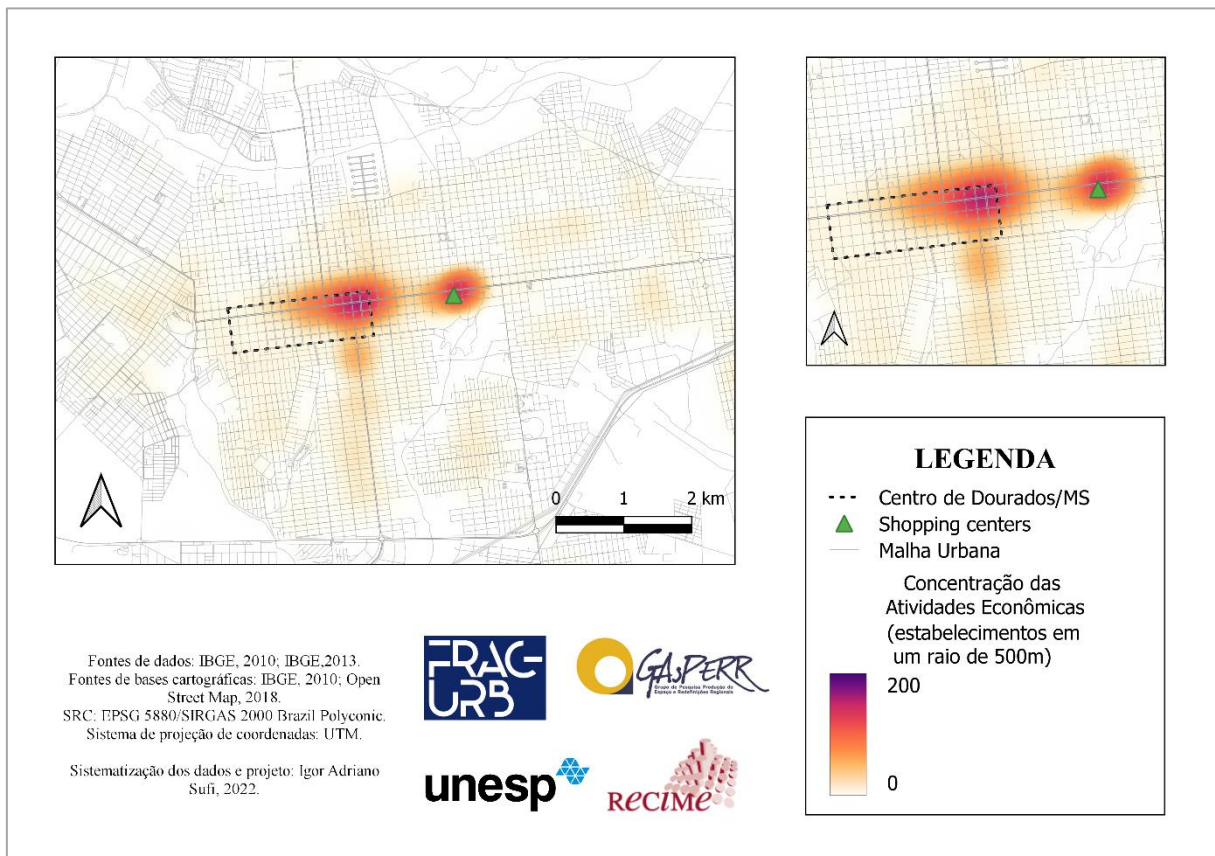
5.2.1 O comércio varejista em Dourados/MS

Ao ter como recorte específico os estabelecimentos voltados ao setor varejista em Dourados/MS em 2010, o mapeamento gerado como produto (Figura 20) evidencia que pouco se concentram atividades fora do centro tradicional da cidade e das proximidades do Shopping Avenida Center de Dourados. Tal afirmação foi observada também em trabalho de campo, especialmente ao constatar que poucas ruas de distância da Av. Marcelino Pires, por exemplo, as formas urbanas já passam a progressivamente ter função residencial e não mais econômica/comercial.

Ainda sob o prisma das observações em atividades práticas, é perceptível que a Av. Marcelino Pires é a via que concentra a maior parte dos comércios varejistas na área central — lojas de roupas e sapatos nas proximidades do centro tradicional, além de franquias mais famosas próximas ao *shopping center*. Tendo este eixo que corta a cidade como base, seu lado Norte possui vias com uma concentração muito maior de

estabelecimentos comerciais em comparação com o lado Sul, que apresentava a maioria dos imóveis comerciais vagos, tanto para locação como em construção, assim como uma estética que remete a um tempo relativamente mais antigo. Exemplos de estabelecimentos observados encontram-se nas Figuras 21 e 22.

Figura 20: Mapa da concentração do comércio varejista em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Já no entorno do Shopping Avenida Center, por sua vez, localizado algumas quadras à Leste do que é tido como o bairro do Centro, a maior parte dos estabelecimentos são comércios e serviços extremamente variados, com destaque para concessionárias e lojas de peças para carros — também especialmente no lado Norte da Av. Marcelino Pires, visto que no lado Sul está presente o Parque Adulpho Fioravante — assim como para uma unidade da Havan e a presença de hipermercados.

Figura 21: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Dourados/MS: grandes redes e comércio do centro



Elaborado pelo autor.

Figura 22: Grade de fotografias que representam o comércio varejista no centro de Dourados/MS



Elaborado pelo autor.

Para mais, o empreendimento em si possui dois andares: o primeiro reservado apenas para alimentação e lazer, onde estão presentes um cinema e restaurantes tanto locais como franquias de redes famosas (Burger King e Bob's, por exemplo); o segundo seguindo a mesma linha em relação ao comércio varejista (Americanas, Marisa, RiHappy, Hering etc.), mesmo que não chegue a ter nenhuma grife internacionalmente famosa. No geral, portanto, os produtos comercializados possibilitam que vários poderes de compra acessem o local.

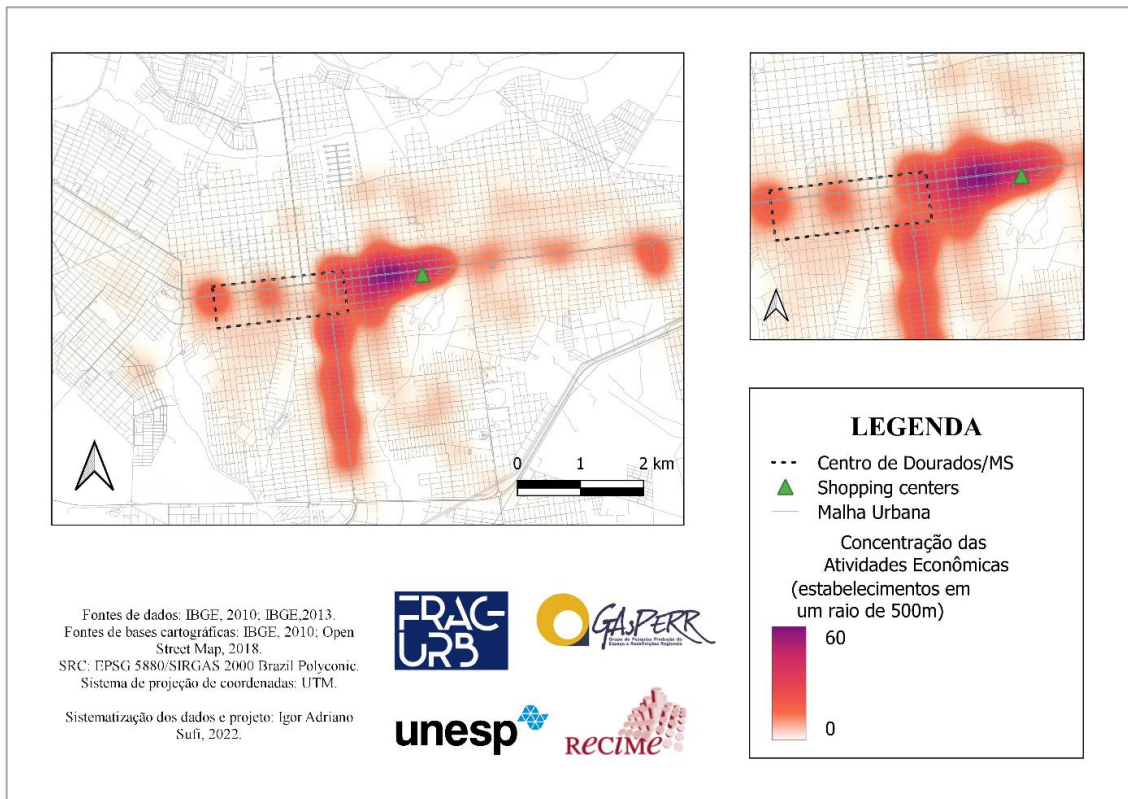
Debate-se, portanto, ao ter em mente os dados analisados, que as principais determinações em relação às lógicas espaciais que levaram à instalação destes estabelecimentos nestas áreas específicas do tecido urbano (CAMAGNI, 2005) de Dourados/MS sejam a aglomeração, considerando o centro tradicional, e a interação especial com as áreas centrais preexistentes — acabando por, inclusive, influenciar em seus conteúdos, como já abordado anteriormente —, já refletindo sobre o *shopping center* e suas proximidades.

5.2.2 O comércio e a reparação de veículos automotores e motocicletas em Dourados/MS

Interessando-se pelo setor de venda, compra, troca, manutenção e comercialização de peças para veículos, o produto cartográfico gerado através de dados CNEFE-CNAE em 2010 (Figura 23) indica tanto a R. Hayel Bon Faker, quanto as proximidades do Avenida Shopping Center de Dourados/MS como espaços proeminentes neste sentido. É importante enfatizar, com base em observações de campo e nos próprios dados levantados, que tais estabelecimentos (exemplificados nas Figuras 24 e 25) também dividem espaço com outros tipos de atividades econômicas, especialmente varejo de materiais para construção e comercialização/manutenção de maquinário agrícolas.

Como já discutido anteriormente, os estabelecimentos presentes na R. Hayel Bon Faker, por conta da proximidade que possuem com rodovias que ligam Dourados/MS ao âmbito do interurbano, assim como também estarem próximos ao centro, têm suas localizações determinadas especialmente pela acessibilidade de seus possíveis consumidores, assim como a interação espacial com as áreas centrais e a aglomeração de atividades econômicas do mesmo tipo (CAMAGNI, 2005).

Figura 23: Mapa da concentração do comércio e da manutenção de veículos em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Figura 24: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na R. Hayel Bon Faker e nas proximidades do Avenida Shopping Center



Elaborado pelo autor

Da mesma forma, quando são analisados os estabelecimentos que se instalaram nas proximidades do Avenida Shopping Center e em outros trechos da Av. Marcelino Pires, é perceptível a determinante da interação espacial com as áreas centrais — tanto as tradicionais, quanto as novas centralidades trazidas pela instalação do empreendimento —, assim como também a acessibilidade, visto que se encontram na principal e mais movimentada via da cidade de Dourados/MS.

Figura 25: Grade de fotografias que representam o comércio e a manutenção de veículos na Avenida Marcelino Pires



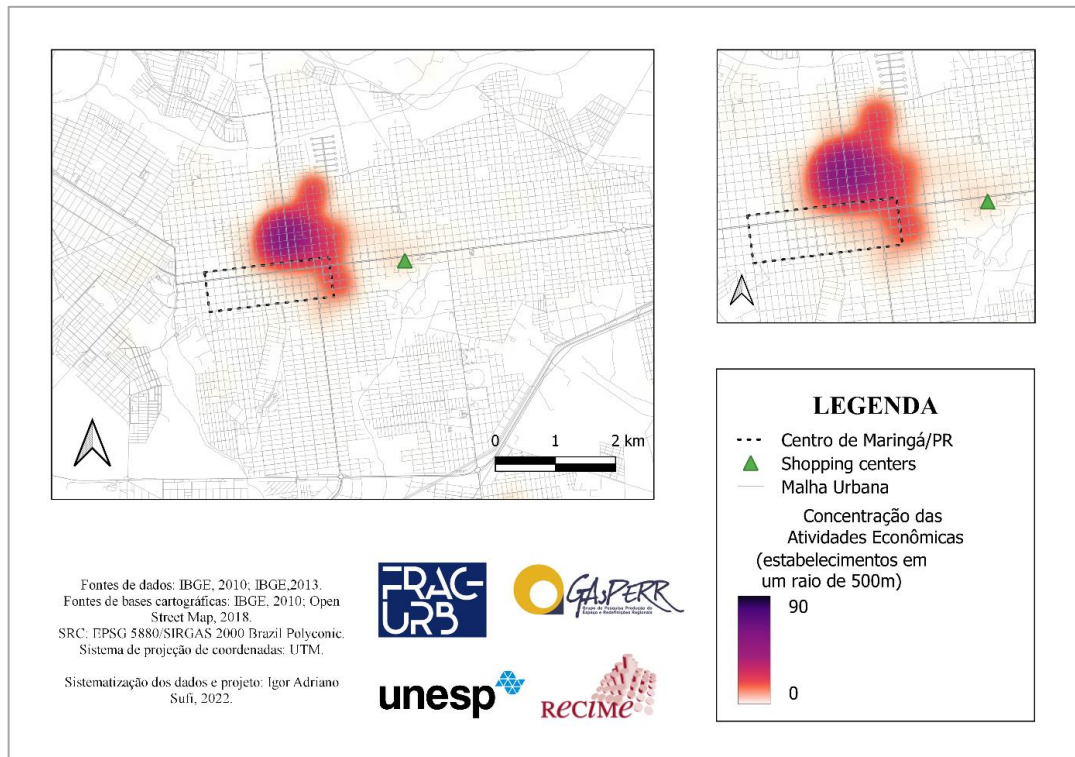
Elaborado pelo autor

5.2.3 As atividades de atenção à saúde humana em Dourados/MS

Assim como para a cidade de Maringá/PR, foram mapeados os dados de concentração das atividades de atenção à saúde humana em Dourados/MS, considerando os consultórios, os hospitais e as clínicas especializadas presentes no tecido urbano que se constitui a cidade. Neste sentido, produto cartográfico gerado (Figura 26) mostra uma forte concentração de estabelecimentos deste setor ao Norte

do centro principal. As experiências em campo nestas áreas constataram, ainda, que nas proximidades estão bairros de padrão relativamente alto.

Figura 26: Mapa da concentração das atividades voltadas à saúde humana em Dourados/MS no ano de 2010, considerando o CNEFE-CNAE



Fonte: IBGE, 2010; IBGE, 2013. Elaborado pelo autor.

Com base nestes pressupostos, discute-se que a principal determinação para a escolha locacional que influenciou no estabelecimento destas atividades econômicas (CAMAGNI, 2005) foi a aglomeração em relação aos estabelecimentos do mesmo tipo e/ou de mesmo interesse dos possíveis consumidores. Mas também, propõe-se que acessibilidade dos pacientes que podem pagar pelos tratamentos oferecidos, especialmente no caso dos consultórios particulares, também seja uma determinante. Fotografias que exemplificam tais formas espaciais e suas funções estão presentes na Figura 27.

Figura 27: Grade de fotografias que representam a concentração de atividades voltadas à saúde humana em Dourados/MS



Elaborado pelo autor.

5.3 ESBOÇO DE UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Levando em conta o que já foi exposto em relação aos casos específicos de cada uma das cidades estudadas, este breve subcapítulo busca concluir a etapa de análises feitas a partir dos dados levantados e produzidos. Para tanto, propõe-se que sejam evidenciadas as principais semelhanças e divergências entre o que foi possível perceber em relação aos processos de reestruturação da cidade — e das mudanças na conformação de suas áreas centrais — tanto em Maringá/PR como em Dourados/MS.

Entretanto, de pronto é necessário enfatizar que os processos analisados possuem complexidades muito diferentes nos dois contextos, com Maringá/PR concentrando muito mais atividades econômicas, o que é evidenciado quando se considera que nesta cidade se chega próximo duas mil atividades econômicas registradas em um raio de 500m, em comparação com a concentração máxima de apenas cerca de 750 atividades econômicas considerando as mesmas distâncias em Dourados/MS. Os trabalhos de campo, neste sentido, fizeram ser possível afirmar que em termos qualitativos os estabelecimentos também divergem. Maringá/PR, portanto,

possui maior presença de franquias e unidades de grandes empresas de origem nacional e internacional, além de *shopping centers* que atendem diversos tipos de consumidores.

Já ao ter como base as alterações na conformidade das áreas centrais — considerando que são indicadas pela concentração das atividades econômicas, que neste trabalho estão associadas com os resultados cartográficos obtidos por meio dos bancos de CNPJ e do CNEFE-CNAE — no tecido urbano das cidades ao longo do tempo, constata-se que houve um aumento quantitativo muito expressivo na presença de empresas fora do centro de Maringá/PR e de Dourados/MS. Ainda assim, os centros tradicionais mostram-se como as principais áreas centrais de ambas as cidades, mesmo que tenham se conformado eixos e/ou áreas de expansão que também exerçam uma certa centralidade.

Apoiando-se em tais resultados, argumenta-se que Dourados/MS possui uma conformação veementemente monocêntrica, visto que não existem outros eixos senão a R. Hayel Bom Faker que se destacam além do centro principal que, inclusive tem sua centralidade reforçada pela localização *shopping center*. Ao passo que Maringá/PR apresenta expansões do centro tradicional muito mais proeminentes, especialmente nas vias que se conectam a ele.

Ademais, tendo como base a série histórica da concentração de atividades econômicas para os dois quadros, é notório que na cidade paranaense as mudanças em relação às localizações das áreas centrais no tecido urbano começam a ocorrer décadas antes do que na cidade sul-mato-grossense. Esse fator, em conjunto com as demais interpretações já apresentadas, permite ponderar que Maringá/PR passa por um processo de reestruturação da cidade mais complexo, que se manifesta há mais tempo e que resulta em mais implicações nas formas e funções urbanas presentes.

Por fim, sobre os levantamentos de como se comportam certos setores de atividades econômicas específicas tanto em Maringá/PR quanto em Dourados/MS, é perceptível que existem certos padrões semelhantes nestas localizações: comércios varejistas concentrados nos centros tradicionais, nos *shopping centers* e em suas proximidades; comércio e manutenção de veículos automotores nas proximidades dos *shopping centers* ou em vias importantes para o acesso ao interurbano e ao próprio centro; atividades voltadas à saúde humana extremamente concentradas, estando presentes nas proximidades do centro tradicional.

Em síntese, este capítulo procurou discutir os resultados atingidos neste trabalho, dando importância tanto para as particularidades de cada recorte, quanto para as convergências e divergências entre eles. Fundamentada nestas análises, assim como nas bases teóricas e metodológicas que guiaram o processo de investigação científica, é que a próxima subdivisão tratará das conclusões gerais da pesquisa.

6 BREVES CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou lembrar e discutir a importância das dinâmicas econômicas para os processos de reestruturação urbana e, principalmente, de reestruturação da própria cidade e de suas centralidades, assim como a relevância do estudo das formas e suas funções para a Geografia Urbana, além de abordar os casos específicos das áreas centrais em Maringá/PR e Dourados/MS, considerando suas particularidades — suas formações socioespaciais e econômicas — verificando se o que foi proposto por estudos prévios iria se manter ou passar por uma ressignificação ao se levar em conta novas metodologias, neste caso, a concentração das atividades econômicas considerando CNEFE-CNAE, CNPJ, observações de campo e a realização de entrevistas com agentes bem-informados locais.

Entretanto, justifica-se que — mesmo que os resultados sejam interessantes e que os dados levantados tenham validade em afirmar indícios de que existem certas áreas centrais nos tecidos urbanos estudados — é evidente, porém, que neste trabalho não se esperou comprovar ou definir nenhuma centralidade absoluta em nenhuma das cidades, isso principalmente porque foram consideradas, como proposta de pesquisa, apenas as atividades econômicas e os estabelecimentos que se conformam a partir delas como indicadores destas áreas centrais.

Obviamente existem diversas outras variáveis e/ou outras questões muito importantes e que compõem a dinâmica de centralidades do urbano. Ainda assim, foi possível dialogar muito bem estes resultados com outras publicações já feitas sobre a centralidade das cidades estudadas, fazendo inclusive com que se reafirmassem ou se ressignificassem constatações. Fatos estes que tornam possível concluir que a CNEFE-CNAE, assim como o mapeamento da concentração de CNPJ ao longo do tempo, são metodologias muito úteis para analisar as centralidades no intraurbano, especial ao serem combinadas com outras investigações.

Portanto, ainda sobre o processo metodológico, conclui-se que a partir dos resultados obtidos, que ambas as metodologias possuem uma enorme potencialidade quanto ao aprofundamento na análise das centralidades e suas relações com a economia e com o consumo, especialmente por ser possível ponderar sobre as possíveis estratégias locacionais dos agentes econômicos que acabam por influenciar nos processos de produção e reprodução do espaço, de estruturação e de reestruturação urbana e da cidade. Destacam-se, desta forma, principalmente as possibilidades no caso das cidades médias brasileiras, por possuírem uma complexidade diferente da apresentada nas cidades pequenas e, ao mesmo tempo, não terem uma quantidade de endereços tão trabalhosa para ser geocodificada e mapeada como seria a de uma metrópole.

Já ao ter em mente os resultados analisados, foi perceptível em ambas as cidades médias desta pesquisa — logicamente que de maneiras diversas, assim como em diferentes níveis de complexidade — um processo de transformação das áreas centrais. Tais mudanças mostraram-se resultado de profundas articulações entre os agentes econômicos e políticos locais, que consolidaram seus interesses ao longo do tempo, moldando, desta forma, também o espaço urbano.

Outros aspectos relevantes, que podem ter contribuído para reestruturações em relação à rede urbana, mas também ao tecido urbano das cidades médias em questão, são: o fato de que ambas possuem uma grande influência nas regiões da qual pertencem, inclusive com as referências consultadas apontando sua consolidação como centros regionais a partir da década de 1970, tendo como marco investimentos principalmente no modal rodoviário, o que trouxe a infraestrutura e o incentivo para a vinda de grandes empresas; a relevância dos *shopping centers* na constituição de novas centralidades ou na manutenção de centralidades tradicionais, dependendo da localização do qual foram instalados e das áreas que foram valorizadas em decorrência disso.

Portanto, em Maringá/PR percebem-se áreas centrais muito bem definidas, mas com novas centralidades e novas funções também aparecendo, mesmo que ainda não seja possível afirmar que estabeleçam qualquer competitividade com o centro tradicional. Todavia, foram evidenciados eixos com concentrações expressivas de atividades econômicas, formados por vias ligadas ao centro tradicional, que apresentam tanto estabelecimentos diversificados, quanto especializações funcionais

muito evidentes (comércios atacadistas, além de comércio e manutenção de veículos).

Já considerando os resultados específicos obtidos em relação a Dourados/MS, é evidente a existência de um núcleo central mais bem definido e até mesmo “tradicional”, ainda que ele tenha se expandido com a instalação do *shopping center* em suas proximidades. O único eixo que pode ser considerado como indicativo de expansão fora da área central é a Av. Hayel Bon Faker, porém essa é uma via que apresenta forte especialização funcional no comércio e manutenção de veículos, assim como comércio de maquinário agrícola.

Por último, é preciso reforçar que as pesquisas realizadas no desenvolvimento desta monografia de conclusão de curso buscam evidenciar os processos pelos quais especialmente as cidades médias brasileiras têm passado nas últimas décadas, estes que reestruturam as dinâmicas intraurbanas de centralidade e as áreas centrais que se materializam nestas cidades. Com certeza, novos recortes temporais e/ou espaciais podem e devem ser analisados pela Geografia Urbana no futuro, assim como os mesmos indicadores construídos nesta pesquisa podem ser em algum momento atualizados — ou ainda novas bases inovadoras serem desenvolvidas — e contribuir de alguma forma com o debate.

REFERÊNCIAS

ABRASCE. Associação Brasileira de Shopping Centers — Abrasce, c2021. **Guia de Shoppings**. Disponível em: <https://abrasce.com.br/guia-de-shoppings/>. Acesso em: 18 de março de 2021.

AMORIN, E. M. J. C. O processo de reestruturação urbana nas cidades médias de Marília-SP e Mossoró-RN: generalidades e particularidades. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA (EGAL), 14., 2013, Lima. **Anais eletrônicos...** Observatorio Geográfico de América Latina, 2013. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/098.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2021.

ASALIN, G. A. A dinâmica de uma centralidade: os shopping centers atacadistas de confecções de Maringá – PR. **Geoingá**, v. 6, n. 1, 2014. p. 3-22. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49227>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Subcomissão CNAE. **Manual de orientação da codificação na subclasse CNAE**. Arquivos da Subcomissão CNAE, online, 2006. Disponível em:

<http://subcomissaoocnae.fazenda.pr.gov.br/UserFiles/File/CNAE/Manual%20CNAE%202-0.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

CALIXTO, M. J. M. S. O processo de expansão territorial e seus desdobramentos socioespaciais na cidade de Dourados-MS. In: **Anais...** Encontro de Geógrafos de América Latina, 9, 2003, Mérida, 2003.

CAMAGNI, R. **Economía urbana**. Barcelona: Ed. Antonio Bosh, 2005.

CARLI, L. A. D. **Delimitação, intensidade e especialização de áreas comerciais: uma proposição para o estudo das áreas centrais em cidades médias a partir da análise dos Índices de Densidade Informacional para os casos de Presidente Prudente - SP e Ribeirão Preto - SP**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/139253>. Acesso em: 18 de março de 2021.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GHIZZO, M. R.; RIBEIRO, V. H. A Produção da Cidade de Maringá-PR (Brasil) como um Polo Terciário: Rompendo Fronteiras. **Perspectiva Geográfica-Marechal Cândido Rondon**, Ed. Esp., v.11, n.15, 2016. p. 165-174. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/16619>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

IBGE. **Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos: atualização do setor, manual do atualizador**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc3042.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1358.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

IBGE. Introdução à Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0. **Arquivos da Comissão Nacional de Classificação**, online, 2006. Disponível em: https://concla.ibge.gov.br/images/concla/documentacao/CNAE20_Introducao.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

IBGE. **Regiões de influência das cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 187 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em: 18 de março de 2021.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MIYAZAKI, V. K. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista**. 2013. 305 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105090>. Acesso em: 18 de março de 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. Redefinição da Centralidade Urbana em Cidades Médias. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 205-220, jun., 2008.

PORTO-SALES, A. L.; COUTO, E. M. J.; WHITACKER, A. M.; SPOSITO, M. E. B.; REDÓN, S. M.; MIYAZAKI, V. K. Pesquisa em Geografia Urbana: desafios e possibilidades de análise espacial com o uso do Cadastro Nacional de Endereços para fins Estatísticos (CNEFE). **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 36, v. 3, p.81-103, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/3194>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

ROMERO, H. Centralidade urbana e redefinição socioespacial: uma análise do Shopping Avenida Center em Dourados-MS. In: CALIXTO, M. J. M. S.; FLORENTINO, V. F. S. **Produção do Espaço Urbano e Regional: leituras de uma cidade média**. Dourados: Editora UFGD, 2016. p. 67-102.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SILVA, V. F. Sob a perspectiva do novo: um olhar sobre a dinâmica intraurbana de Dourados-MS e seu processo de urbanização. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 34, v. 2, p. 97-119, ago./dez. 2012.

SILVA, W. R. A redefinição da centralidade em cidades médias. Londrina e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 5., 2008, Barcelona. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/37.htm>. Acesso em: 18 de março de 2021.

SILVA, W. R. **Para além das cidades: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá**. 2006. 280 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105082>. Acesso em: 18 de março de 2021.

SILVA, W. R. Reflexões em torno do urbano no Brasil. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOJA, E. **Geografias Pós-Modernas**. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SPOSITO, E. S. Espaço econômico. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 20, n. 43, mai./ago, 2018. p. 156-158. Disponível em: https://www.academia.edu/48749603/Espaço_Econômico. Acesso em: 20 de março de 2022.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**, Rio de Janeiro, a. 3, n. 4, jan/jun, 1998.

SPOSITO, M. E. B. Centros e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, J. A. V. R.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto (Portugal): CE de Geografia e Ordenamento do Território, 2013. p. 45-59.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. B. **O chão aos pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. Presidente Prudente: UNESP, 2005 [tese de livre docência].

SPOSITO, M. E. B. Olhando de vários pontos de vista o processo de urbanização e a rede urbana. In: SUERTEGARAY, D.; SILVA, C. A.; PIRES, C.; PAULA, C. (Org.). **Geografia e conjuntura brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, v. 1, 2017. p. 185-211.

SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO, E. S. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. **Geosp – Espaço e Tempo**, online, v. 21, n. 2, p. 462-479, agosto. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/131655>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade: consolidação e expansão. In: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. Org. **Centro e centralidade em cidades médias**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

WHITACKER, A. M.; MIYAZAKI, V. K. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Coimbra, n. 2, p. 307-327, dez. 2012.

WHITACKER, A. M. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto-SP**. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT-UNESP. Presidente Prudente, 2003. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/03/03_arthur.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, C. R. M.; CORDOVIL, F. C. S. A cidade de Maringá, PR. O plano inicial e as “requalificações urbanas”. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias**

Sociales, Universidad de Barcelona, v. 12, n. 270, ago., 2008. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-270/sn-270-53.htm>. Acesso em: 18 de março de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

DEFFONTAINES, P. Como se constitui no Brasil a rede das cidades. **Cidades — Revista Científica**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/469>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

HIERNAUX, D.; LINDÓN, A. La periferia: voz y sentido en los estudios urbanos. **Población**, n. 42, out.-dec. 2004. p. 101-123.

MELARA, E.; SILVA, W. R. Elementos para refletir sobre a policentralidade e a fragmentação urbana em cidades médias – Resende e Volta Redonda (RJ). **Confin**s, online, n. 38, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confin/16121>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2020.

REGO, R. L. O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade-jardim. **Acta Scientiarum**, v. 23, n. 6, 2001. p. 1569-1577.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação Socioespacial. **Mercator**, v.19, jun., 2020. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19015>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 10. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SPOSITO, M. E. B. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, n. 54, 2004. p. 114-139.

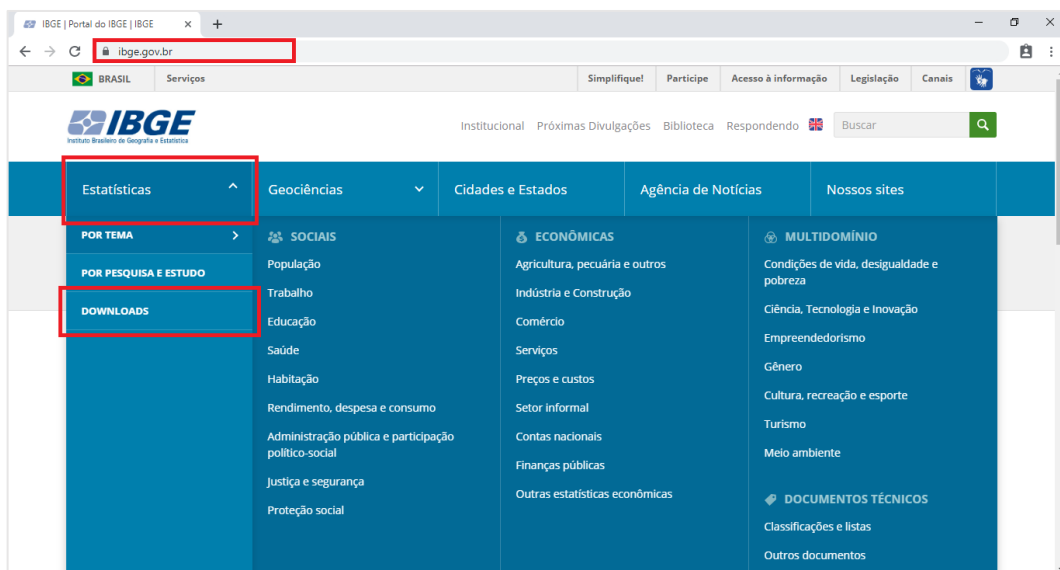
WHITACKER, A. M. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. In: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. Org. **Centro e centralidade em cidades médias**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: O desenvolvimento e o tratamento do banco de dados CNEFE-CNAE na prática

Primeiramente, foram baixados os dados CNEFE, ainda em arquivos de texto (.txt) no site do IBGE (ibge.gov.br). As informações são disponibilizadas ao público na seção de *downloads* que fica dentro da aba reservada para as estatísticas, como mostrado na Figura 1. Dentre as várias pastas que dividem tal ramificação do site, os arquivos de interesse encontram-se no seguinte caminho: “Censos”, “Censo_Demografico_2010”, “Cadastro_Nacional_de_Endereços_Fins_Estatisticos”, tal qual mostra a Figura 2.

Figura 1: Localização dos downloads no site do IBGE

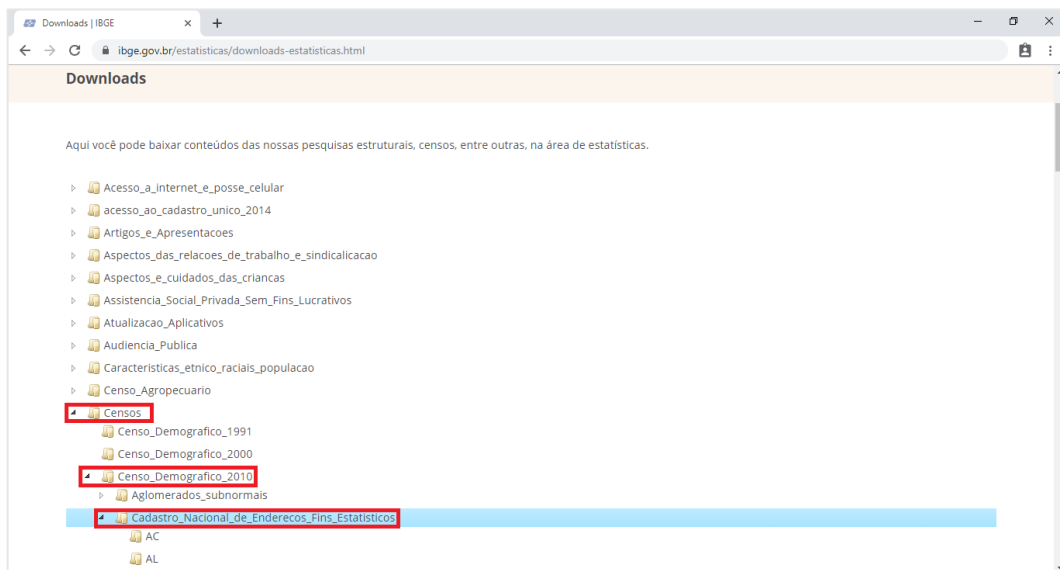


Fonte: IBGE, 2019. Organizado por Igor Adriano Sufi.

A pasta reservada para os elementos do CNEFE, por sua vez, é dividida, como exprime a Figura 3, por unidades federativas, em novas pastas contendo todos os endereços registrados: do próprio estado ou Distrito Federal; dos municípios, caracterizados por seus códigos identificadores do IBGE e, ainda, com os caracteres “0500”; dos distritos, identificados pelo código do município correspondente, mas com caracteres adicionais como “1000”, “1500” e “2000”, seguindo este padrão.

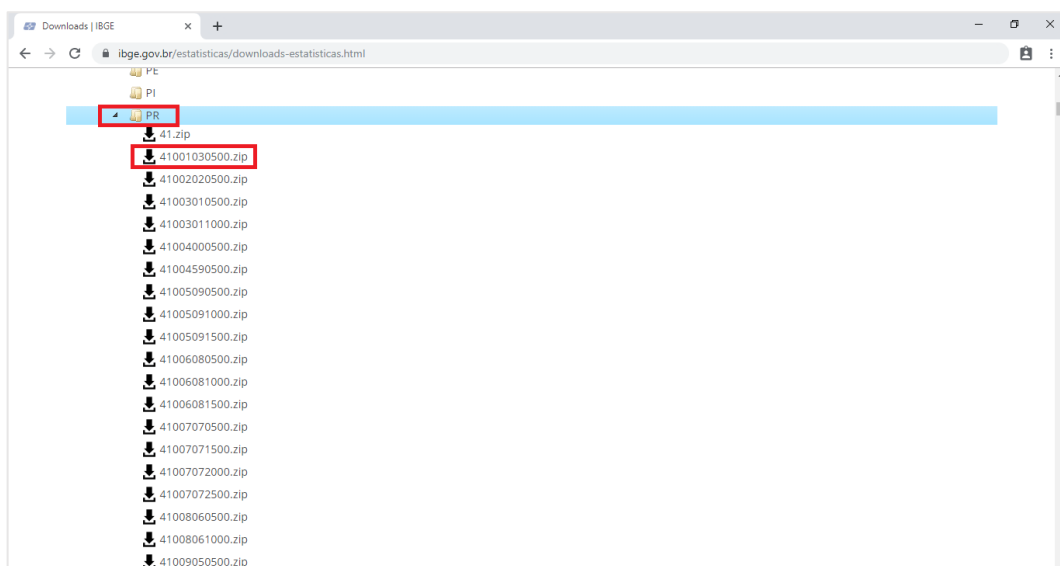
Uma exceção, porém, pode ocorrer em alguns casos do qual o município é codificado pela quantidade de setores censitários ou zonas, como foi, por exemplo, o caso de Maringá/PR, que tem como caracteres adicionais uma sequência que vai de “0500” a “0550”, possuindo um arquivo para cada uma destas zonas da cidade, fazendo com que seja necessário, neste caso, que todos os arquivos baixados sejam aglutinados em apenas um.

Figura 2: Localização dos dados CNEFE dentro da seção de downloads do IBGE



Fonte: IBGE, 2019. Organizado por Igor Adriano Sufi.

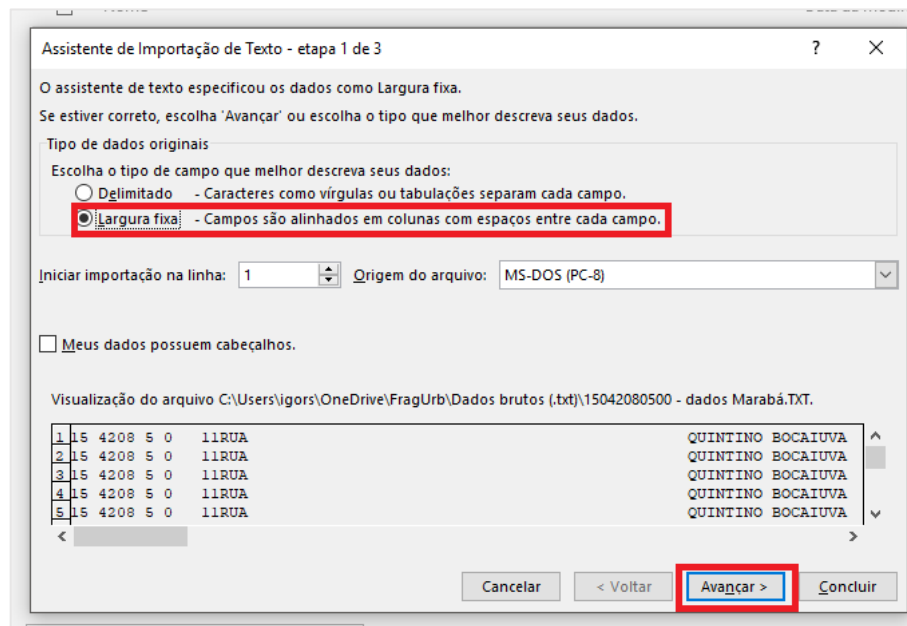
Figura 3: Divisões e agrupamentos dos dados CNEFE



Fonte: IBGE, 2019. Organizado por Igor Adriano Sufi.

Com os dados de interesse já baixados, agora é necessário que sejam convertidos de arquivos de texto (.txt) para tabelas (.xlsx). O procedimento, desta forma, foi abri-los no programa Microsoft Excel, onde aparece a janela exposta na Figura 4, sendo que nela é muito importante que a função “largura fixa” esteja ativada, pois é o que permite que, manualmente, sejam delimitadas as colunas da tabela.

Figura 4: Uso da função “largura fixa” na transformação de .txt para .xlsx



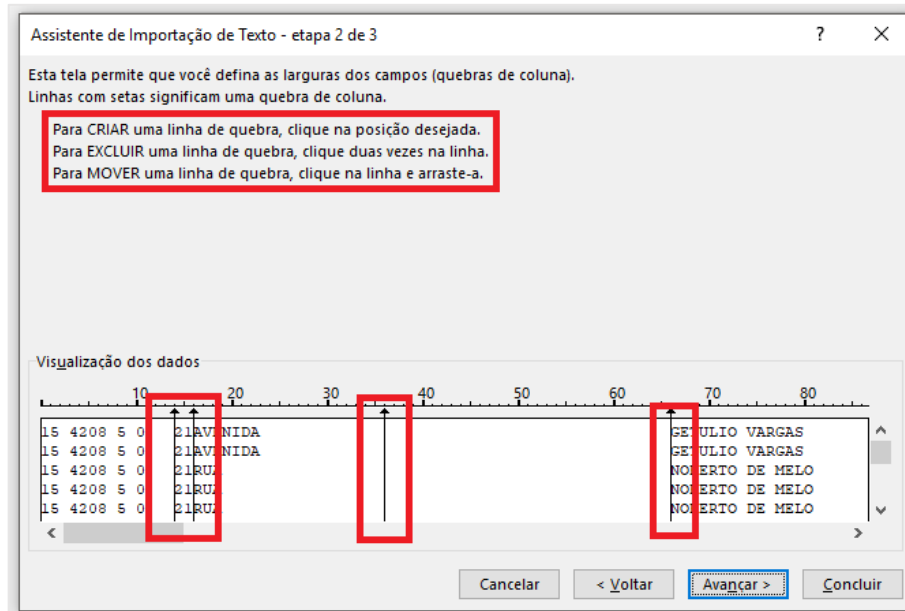
Organizado por Igor Adriano Sufi.

Na próxima etapa, retratada na Figura 5, são inseridas as linhas que vão estabelecer as colunas, sempre seguindo os primeiros caracteres de cada classe de dados. Antes de concluir o processo, existe ainda uma terceira etapa, esta, porém, tem um caráter mais de checagem das ações feitas do que de função prática, sendo dispensável.

Com a tabela já feita, é necessário criar uma linha guia, que contenha todas as divisões dos dados (Código do IBGE, Setor, Tipo de Logradouro, Título de Logradouro, Nome de Logradouro, Número do Lote, Modificador, modificadores nominais e numéricos disponíveis, Variável, Identificação do Estabelecimento, Indicador de Endereço, Identificação de Domicílio Coletivo, Número da Quadra, Número da Face e CEP). São criadas, também, as colunas onde ficarão as classificações CNAE. Estes processos estão evidenciados nas Figuras 6 e 7.

Por último, antes de salvar todo o processo, são colocados filtros em cada coluna, a fim de selecionar os dados de cada variável e separá-los, recortando-os e colando-os, em outras planilhas do mesmo documento, como exprime, também, a Figura 7.

Figura 5: Definição das colunas da tabela de dados no Excel



Organizado por Igor Adriano Sufi.

Figura 6: Criação da linha guia com a caracterização dos dados

Código do IBGE	Setor	Tipo de Logradouro	Título de Logradouro	Nome de Logradouro	Número do Lote	Modificador	e1	v1	e2	v2	e3	v3	e4	v4	e5	v5
15 4208 5 0	41	AVENIDA		TRANSAMAZONICA	05N											
15 4208 5 0 1	361	FOLHA		FOLHA 28 QD 26	05N											
15 4208 5 0	931	RUA		PEDRO FONTINELE	445											
15 4208 5 0 2	311	FOLHA		FOLHA 33 QUADRA ESPECIAL	70	CASA		1								
15 4208 5 0	931	AVENIDA		PEDRO MARINHO	2287A											
15 4208 5 0	831	AVENIDA		TRANSAMAZONICA	1837B											
15 4208 5 0 1	652	ESTRADA		CRUZEIRO DO SUL	0	CASA		0								
15 4208 5 0	931	RUA		MANOEL PEDRO DE OLIVEIRA	05N											
15 4208 5 0	541	FOLHA		FOLHA 32 QUADRA 20	05N											
15 4208 5 0	251	FOLHA		FL 12 QUADRA 04	21	LOTE	CASA		b							
15 4208 5 0 1	552	VICINAL		LANA	05N											
15 4208 5 0	581	FOLHA		FOLHA 34 QUADRA 04	71	LOTE	B	FRENTE								
15 4208 5 0	71	FOLHA		FL 14 QD A	41	LOTE		QUITINETE		8						
15 4208 5 0	251	FOLHA		FL 12 QUADRA 03	161	LOTE		FRENTE								
15 4208 5 0	301	FOLHA		FOLHA 5 QUADRA 2	121	LOTE										
15 4208 5 0	301	FOLHA		FOLHA 5 QUADRA 5	181	LOTE										
15 4208 5 0	421	FOLHA		FOLHA 20 QUADRA 16	35	MS	CASA		1							
15 4208 5 0	491	FOLHA		FOLHA 21 QUADRA 10	33	ANDAR		1								
15 4208 5 0	551	FOLHA		FOLHA 31 QUADRA 03	05N											
15 4208 5 0	581	FOLHA		FOLHA 34 QUADRA 02	301	LOTE										
15 4208 5 0	841	AVENIDA		TOCANTINS	05N											

Organizado por Igor Adriano Sufi.

Após esta parte de sistematização das informações dos endereços e da criação dos arquivos tabelados para cada cidade, começa a classificação segundo os

preceitos da CNAE 2.3, muito respaldada pela própria plataforma online de consultas da COCLA-IBGE, disponível no endereço eletrônico “cnae.ibge.gov.br”.

Figura 7: Separação das variáveis em diferentes planilhas

Localidade	Variáveis	Identificação do Estabelecimento	Seção	Divisão	Grupo	Indicador de Endereço	Identificação de Domicílio Coletivo	Número da Quadra	Número da Face	CEP
CIDADE NOVA		6 02 IRMAOS ATACADO ALIMENTOS	I	56	1	1	1	1	4	68500000
NOVA MARABA		6 OFICINA	G	45	2	1	1	2	4	68506260
CIDADE NOVA		6 OFICINA DE AUTOMOVEL	G	45	2	1	1	1	3	68501550
NOVA MARABA		6 OFICINA DE CARRO	G	45	2	1	1	1	2	68507000
CIDADE NOVA		6 OFICINA DE MOTOCICLETA	G	45	4	1	1	1	4	68502420
CIDADE NOVA		6 OFICINA MECANICA AUTO CENTER	C G	45	2	1	1	2	1	68530000
SAO PEDRO		6 ORTALISIA	A	1	2	1	1	0	0	68500000
LARANJEIRAS		6 100 CENSURA	G	47	8	1	1	10	3	68501490
NOVA MARABA		6 A CASERNA	G	46	4	1	1	2	1	68508170
NOVA MARABA		6 A RESTAURANTE	I	56	1	1	1	4	2	68510140
LANA		6 ACOUGUE	G	47	2	1	1	0	0	68500000
NOVA MARABA		6 ACOUGUE DOIS IRMAOS	G	47	2	1	1	2	1	68507480
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	14	1	68500020
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	6	2	68510110
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	2	1	68512010
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	3	1	68512040
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	1	1	68505220
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	2	3	68505240
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	5	13	68507550
NOVA MARABA		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	10	4	68507570
NOVO HORIZONTE		6 ACADEMIA	R	93	1	1	1	8	2	68503660

Organizado por Igor Adriano Sufi.

Figura 8: Uso do site da CONCLA-CNAE para encontrar classificações diretamente pelas atividades econômicas



Fonte: IBGE, 2019. Organizado por Igor Adriano Sufi.

Dois ferramentas são essenciais para o desenrolar da classificação, a primeira sendo a aba “Atividades”, exposta na Figura 8, apresentando uma barra de

pesquisa onde é possível digitar o tipo de estabelecimento que se está procurando, como por exemplo: “supermercado”, “cabelereiro”, “lanchonete”, “oficina” etc. Os resultados são apresentados já com todas as subdivisões pertencentes, o que ajuda muito na classificação, poupando muito tempo.

A segunda funcionalidade que proporciona uma maior apuração nas classificações, por sua vez, é a da aba “Estrutura”, que permite acessar toda a hierarquia CNAE, tornando possível obter informações que, porventura, não foram encontradas com a pesquisa por atividades, verificando em qual subdivisão o estabelecimento procurado pode se encaixar melhor. Em cada parte da estrutura são disponibilizadas notas explicativas, que também podem ajudar na compreensão do que é a atividade econômica pesquisada. As Figuras 9 e 10 evidenciam toda esta ferramenta.

Figura 9: Uso do site da CONCLA-CNAE para encontrar classificações pela estrutura organizacional

Seção	Divisões	Denominação
A	01..03	AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQUICULTURA
B	05..09	INDÚSTRIAS EXTRATIVAS
C	10..33	INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO
D	35..35	ELETRICIDADE E GÁS
E	36..39	ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO
F	41..43	CONSTRUÇÃO
G	45..47	COMÉRCIO; REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS
H	49..53	TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO
I	55..56	ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO
J	58..63	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
K	64..66	ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS
L	68..68	ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS
M	69..75	ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS
N	77..82	ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES
O	84..84	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL
P	85..85	EDUCAÇÃO
Q	86..88	SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS
R	90..93	ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO
S	94..96	OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS
T	97..97	SERVIÇOS DOMÉSTICOS
U	99..99	ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS

Fonte: IBGE, 2019. Organizado por Igor Adriano Sufi.

Outros sites, porém, também foram utilizados, principalmente quando as identificações dos estabelecimentos não oferecem tanta clareza ou, também, quando estas não são ligadas às atividades econômicas desenvolvidas nos locais, mas aos nomes das empresas que desenvolvem tais operações. Destacam-se: páginas de

busca, tanto gerais, como o próprio Google, quanto específicas, como, por exemplo, agendas telefônicas digitais; sites de consulta do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), que fornecem a própria classificação da CNAE para algumas empresas, quando se fornece o nome ou o endereço do estabelecimento; a ferramenta Street View do Google Maps, que permite ver a fachada, com fotografias que podem ser de 2011 a 2018, dos locais que ainda oferecem alguma dúvida.


Figura 10: Uso do site da CONCLA-CNAE para encontrar classificações pela estrutura organizacional de seções, divisões e grupos

Atividades		Estrutura	
classificação			
	classe		
	CNAE-Subclasses 2.3	buscar	todas as seções
Hierarquia			
Seção:	G COMÉRCIO; REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS		
Divisão:	47 COMÉRCIO VAREJISTA		
Grupo:	<ul style="list-style-type: none"> 47.1 Comércio varejista não-especializado 47.2 Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo 47.3 Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores 47.4 Comércio varejista de material de construção 47.5 Comércio varejista de equipamentos de informática e comunicação; equipamentos e artigos de uso doméstico 47.6 Comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos 47.7 Comércio varejista de produtos farmacêuticos, perfumaria e cosméticos e artigos médicos, ópticos e ortopédicos 47.8 Comércio varejista de produtos novos não especificados anteriormente e de produtos usados 		
Notas Explicativas:			
Esta divisão compreende as atividades de revenda (venda sem transformação significativa) de bens de consumo novos e usados para o público em geral, preponderantemente para o consumidor final. O comércio varejista é organizado para vender mercadorias em pequenas quantidades ao consumidor final, representando, portanto, o último elo da cadeia de distribuição.			

Fonte: IBGE, 2019. Organizado por Igor Adriano Sufi.

ANEXOS

ANEXO 1: Roteiro de entrevista — Associação Comercial e Empresarial de Maringá

	
Entrevistas com agentes bem informados	
<i>Iniciar a entrevista explicando um pouco a finalidade dela, destacando seu caráter científico e frisando que é feita pela UNESP e financiada pela FAPESP.</i>	
Cidade:	
Entrevistado:	
Instituição ou empresa:	
E-mail:	
Telefones:	
Indicado por:	
Entrevistador(es):	
Data:	
Local de realização da entrevista:	
Gravada () sim () não	
Transcrita () sim () não Transcrita por:	
Dicas de outros contatos indicados pelo(a) entrevistado(a):	
Material cedido pelo entrevistado(a):	
<p>Anotações sobre a entrevista: <i>Os entrevistadores devem anotar aspectos observados como local de realização da entrevista, disponibilidade do entrevistado, organização do ambiente, atenção concedida etc.</i></p>	

Roteiro para a entrevista – Associações e entidades de classe

I – Perfil do Entrevistado

1. Cargo que ocupa na instituição
2. Tem vínculo empregatício ou desenvolve trabalho como membro de diretoria?
3. Em caso de não ter vínculo empregatício, procurar saber: Qual a profissão e/ou empresa em que atua?
4. Ano em que começou a trabalhar nesta instituição
5. Já teve experiências semelhantes em outras associações ou entidades?

II – Perfil da entidade

6. Quando foi fundada a entidade?
7. Há informações sobre a quem coube a iniciativa? Empresários de que ramo?
8. Os mesmos grupos e/ou famílias que estiveram à frente da instituição permanecem envolvidos ou houve mudança grande dos grupos que estão na liderança desta entidade?
9. Qual o número de funcionários fixos da instituição?
10. Há serviços terceirizados como de segurança, limpeza, *marketing* etc?
11. Qual o número de associados à entidade?
12. Este número tem crescido ou não?
13. A associação está vinculada com outras entidades? Na mesma cidade ou em outra cidade? A alguma federação?

III – Atividades da entidade

14. Quais as ações que vem sendo desenvolvidas pela entidade?
15. Há relações entre as ações da entidade e o poder público? De que tipo?
16. Há divisões da associação voltadas à pesquisa de mercado ou a outros tipos de iniciativas, como organização de informações etc?

17. Há ações de marketing? Elas abarcam apenas os associados ou há campanhas voltadas para um setor da cidade, por exemplo, o centro principal?
18. As campanhas são veiculadas em que tipo de mídia?
19. Há oferecimento de cursos, treinamentos, há realização de workshops ou reuniões para discutir projetos conjuntos?

IV – A visão da associação sobre a economia da cidade

20. Qual a opinião da associação sobre a cidade? Ela tem crescido economicamente?
21. Tem havido mudança do perfil das atividades que se desenvolvem na cidade?
22. Quais as empresas mais importantes em termos de faturamento?
23. E em termos de geração de emprego?
24. Há algum novo ramo de atividade que se desenvolveu recentemente?
25. As novas iniciativas têm tido apoio da associação?
26. Tem ocorrido entrada de empresas de fora? De outros países? Em que ramos?
27. Tem havido empresários que mesmo não atuando diretamente na cidade tem se interessado em fazer investimentos?
28. A cidade constituir-se um polo regional comercial e de serviços importante para quantos municípios?
29. E no que se refere ao setor industrial, as relações se estabelecem com quais cidades? Há empresas que exportam? Para que países?
30. No tocante ao setor agropecuário, que produtos se destacam? A cidade tem comércio e serviços importantes para apoiar o setor primário?

V – A visão da associação sobre o crescimento da cidade

31. No Brasil todo tem se verificado um crescimento grande das cidades tanto em número de loteamentos novos como de empreendimentos imobiliários. Este setor é importante em Maringá?
32. Quais incorporadoras e construtoras são mais fortes na cidade?
33. A expansão é mais importante em que setor? Qual deles se valoriza mais?

34. Os investimentos do Governo Federal têm importância para a cidade?

VI – O consumo

35. Quais mudanças têm sido notadas em termos de hábitos de consumo?

36. Tem havido ampliação do consumo em que ramos de atividades?

37. Notam-se alterações nos hábitos de consumo dos moradores de Maringá?

38. Estas mudanças incluem maior valorização do consumo? Que produtos ou serviços são mais procurados e se encontram mais diversificados?

39. O lazer tem sido importante na ampliação do consumo?

40. Fala-se de uma “nova classe média” no Brasil. Isso é notado em Maringá? De que modo? A entidade tem interesse em atrair este novo estrato?

VII – Encerramento

41. Há mais algum ponto que o senhor(a) gostaria de acrescentar?

42. Há algum material publicitário ou sobre o histórico da instituição que possa ser fornecido? (não esquecer de anotar no quadro específico que está na primeira página)

43. Há alguém que o senhor(a) poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade? (não esquecer de anotar no quadro específico que está na primeira página)

Agradecer em nome da instituição, reiterar o caráter científico do uso das informações e colocar-se à disposição do entrevistado na UNESP. Se não tiver sido entregue, oferecer o cartão com os dados nossos.

Ao final, perguntar se ele está de acordo com a concessão da entrevista que acabou de ser realizada (é importante que fique gravado que “Sim”)

ANEXO 2: Roteiro de entrevista — Associação Comercial e Empresarial de Dourados

Iniciar explicando resumidamente a pesquisa e o objetivo da entrevista.

Agradecer a disponibilidade em conceder esta entrevista e dizer que embora neste momento o entrevistado é presidente da Associação, mas que não se limitasse em falar apenas na sua condição de presidente, ou seja, que fique à vontade para falar da sua visão de morador e de seus conhecimentos sobre o comércio de Dourados.

1. Para começar nossa entrevista, gostaria que falasse um pouco da sua trajetória profissional até ocupar a Diretoria da ACED e as experiências que têm tido no cargo.
2. Conhecemos a ACED principalmente pelas campanhas nas datas comemorativas que o comércio celebra, como os sorteio de prêmios. Mas e para seus associados, qual é a função da ACED e que papel ela exerce?
3. Quantos associados A ACED tem hoje? O senhor pode dizer se existe um perfil predominante entre eles? Por exemplo: são em maioria de pequenos ou microempresários ou de porte médio... Se tem notado aumento no número de mulheres empreendedoras...
4. Poderia fazer uma avaliação geral das mudanças ocorridas no comércio nos últimos 10 anos (aproximadamente).
5. Alguns desses casos que citou que marcaram as mudanças no comércio, a ACED esteve presente direta ou indiretamente?
6. Poderia identificar alguns dos pontos comerciais/de serviços mais relevantes da cidade e que estão presentes no centro?
7. Percebe áreas fora do centro tradicional — já existentes ou em processo/potencial de formação — que atraem muitos consumidores ou muito movimento de pessoas? Caso sim, quais áreas (ou talvez eixos) são essas?
8. Saberria dizer qual foi a relevância da chegada do *shopping center* para a economia da cidade? Esse empreendimento atraiu novos comércios/serviços/empresas para as proximidades?

9. Como atuam as empresas locais associadas em relação aos mercados regionais e nacionais? Há expansão destas empresas? Em quais mercados e segmentos?
10. Na sua percepção, os empresários do comércio de Dourados são mais tímidos e menos ousados ou se arriscam mais para trazer tecnologias e tendências externas para nossa cidade?
11. Existe conflitos entre os interesses dos empresários locais e de empresas com sede fora de Dourados?
12. As grandes redes de lojas (como Casas Bahia, Riachuelo) possuem algum vínculo com esta Associação?
13. A ACED pode dar algum suporte, mediação ou assessoria para os empresários que buscam trazer inovações para a cidade? (Como por exemplo a realização de alguma pesquisa?)
14. Quando alguma empresa comercial de grande porte deseja se instalar em Dourados, é de costume que ela estabeleça um contato com ACED antes? Essa aproximação ocorre depois, ou não ocorre?
15. Sobre as redes de franquias, esses empreendimentos mantêm relação com a ACED? Ou se comportam de modo independente sem nenhum vínculo?
16. Existe alguma preocupação manifestada pelos empresários que possuem lojas "comuns" em relação a chegada das redes de franquias?
17. No seu ponto de vista, essas franquias contribuem para incentivar melhorias nas lojas comuns, criando um ambiente de competitividade, ou causam-lhes algum "apagamento"?
18. Como o senhor avalia o papel do poder público municipal em relação ao comércio de Dourados? Sobre tudo em termos de ações de possam promover o crescimento/desenvolvimento deste setor. Infraestrutura, etc.
19. A ACED tem pleiteado junto à Câmara Municipal ou à alguma secretaria do município, benfeitorias que contemplem o comércio de Dourados? Quais as principais demandas dos empresários junto ao poder público?
20. É sabido que a pandemia da Covid-19 afetou o consumo e causou prejuízos em todos os setores da economia. Como o senhor avalia o desempenho do comércio de Dourados durante a pandemia?
21. Existe algo que poderia ter sido feito e que por alguma intenção não foi realizado?

22. Quanto aos efeitos mais amplos da crise econômica atual sobre essa cidade, o que mais chama sua atenção?

Finalizar agradecendo as informações e reiterar o caráter científico da entrevista.

ANEXO 3: Relato de entrevista com a Associação Comercial e Empresarial de Dourados

Entrevistador: Hamilton Romero.

No dia 24 de maio de 2022 às 16h30min realizamos entrevista com o Presidente da Associação Comercial e Empresarial de Dourados – ACED, Nilson Aparecido dos Santos. Também estiveram presentes o professor aposentado da UFGD e ex-secretário municipal de Indústria Comércio e Turismo de Dourados, Mário Cezar Tompes da Silva e o atual Secretário Municipal de Desenvolvimento, Cleriston José Recalcatti.

O professor Mario Cezar intermediou o agendamento da entrevista e a convite do senhor Nilson, participou com contribuições sobre os assuntos tratados. O Secretário de Desenvolvimento também participou da entrevista a convite do senhor Nilson. Ambos fizeram apontamentos sobre os assuntos que o senhor Nilson não soube opinar com segurança ou desconhecia.

A secretária que nos por uma funcionária da Associação que nos conduziu à sala de reuniões, local amplo e confortável, clima agradável e com água e café à disposição. O senhor Nilson nos recebeu muito bem, foi muito educado o tempo todo. Pareceu-nos apreensivo em relação ao contexto da entrevista e quanto aos nossos questionamentos. Acreditamos ser este o motivo de ter solicitado a presença do senhor Cleriston, revelando o bom relacionamento entre Associação e a Administração Municipal.

No decorrer de sua fala contou-nos de sua origem humilde. Pudemos perceber que se trata de um homem bastante simples. Importante mencionar que em nenhum momento o senhor Nilson se recusou em responder qualquer questionamento. Assim, quando não tinha clareza sobre o assunto, recorria aos seus convidados que complementavam as respostas.

Por fim, todos os questionamentos foram respondidos durante 1h10m minutos de entrevista.